



# LABAREDA

ÓRGÃO DO COMITÊ ANTI-IMPERIALISTA GENERAL ABREU E LIMA – CAL

A LUTA, INCENDEIA!



COMITÊ  
ANTI-IMPERIALISTA  
GENERAL  
ABREU E  
LIMA

EDIÇÃO Nº 04 (QUATRO), MAIO DE 2022. BRASÍLIA – DF – BRASIL

## O CENTENÁRIO DO PCB



PAPEL DA MÍDIA HEGEMÔNICA  
E A FORMAÇÃO DO FASCISMO



## UM ENSAIO SOBRE O IDENTITARISMO

A inocência é linda. Diferentemente da ingenuidade, que muitas vezes te imbeciliza, o sabor da inocência tem vida, fé, todas as cores.



CONVOCAÇÃO À LUTA PELO  
DIREITO DE ESCOLHER  
GESTAR - UMA CAUSA  
SOCIALISTA

EL IMPERIALISMO NORTE AMERICANO E INTERNACIONAL, UNIÓN EUROPEA, OTAN HAN AGITADO LAS PUNTAS DE LANZA Y VIENTOS DE GUERRA EN EUROPA DEL ESTE.

# SUMÁRIO

---

03

PAPEL DA MÍDIA HEGEMÔNICA E A  
FORMAÇÃO DO FASCISMO

---

18

EL IMPERIALISMO NORTE AMERICANO E  
INTERNACIONAL, UNIÓN EUROPEA, OTAN HAN  
AGITADO LAS PUNTAS DE LANZA Y VIENTOS DE  
GUERRA EN EUROPA DEL ESTE.

---

22

COLÔMBIA - A PROPÓSITO DE LAS ELECCIONES.

---

28

CUMPLEAÑOS DE JOSÉ MARTÍ

---

32

ISRAEL ATURDIDO PELOS NEO-NAZIS  
UCRANIANOS

38

O CENTENÁRIO DO PCB

---

40

UM ENSAIO SOBRE O IDENTITARISMO

---

43

CONVOCAÇÃO À LUTA PELO DIREITO DE  
ESCOLHER GESTAR - UMA CAUSA SOCIALISTA

---

46

SOBRE OS FUNDAMENTOS DO LENINISMO -  
A QUESTÃO NACIONAL

## EXPEDIENTE

LABAREDA – órgão do Comitê Anti-imperialista general Abreu e Lima

Edição nº 04 (quatro), maio de 2022- Brasília – DF – Brasil.

Editor: Pedro César Batista (Jornalista DRT/DF – 02483)

Criação e arte: Alex Castro

*Conselho Editorial: Alex Castro, Ana Carolina Gomes, Alfredo Alencastro (Reg Prof.: 8.671/2010/MTb/ DRT/DF), Brenno Lima (DF), João Alvim, Pedro César Batista.*

*Fernando Mousinho (DF), João Alvim (DF), Luis Ernesto Guerra (Equador), Lucas Vargas (DF Colômbia), Maria Paula Marins (DF), Sayid Marcos Tenório (DF), Susy de San Antonio (RJ).*

# PAPEL DA MÍDIA HEGEMÔNICA E A FORMAÇÃO DO FASCISMO

Por Pedro César Batista\*

O controle dos meios de comunicação de massa pelos donos do poder não é novo, sempre foi grande, teve e continua tendo papel determinante para a formação do senso comum e do pensamento coletivo de uma sociedade.

A guerra em curso na Ucrânia, entre a Rússia e os EUA e a União Europeia, ao mesmo tempo em que, reforça o controle das informações, aumentou o debate sobre a influência da comunicação, como forma, pasteuriza opiniões, define lados e manipula a verdade dos fatos. Isso fez com que os governos dos EUA impusessem uma férrea cen-



sura às informações sobre o que de fato ocorre na Ucrânia em todo o ocidente, com a proibição do acesso aos jornais russos e o bloqueio de notícias sobre a região. Somente as informações que interessam aos estadunidenses e europeus são apresentadas nos veículos de massa. “O papel da mídia no capitalismo é estratégico, conclui-se. É sempre prudente lembrar, inclusive, que a estratégia é uma ciência de conflito, guerra como extensão da política, segundo Clausewitz”.<sup>i</sup>

## INDÚSTRIA CULTURAL

A finalidade da indústria cultural é a de impor um pensamento único<sup>ii</sup>, manter o povo como uma massa disforme, servil, submissa e obediente, que reproduz e repete o programado, faz com que as pessoas afirmem que possuem uma opinião própria e livre, por não compreenderem que, desde a tenra infância até a mais elevada idade, valores, comportamentos, posições políticas e éticas são repassadas, o que garante o controle ideológico de uma coletividade.

*“O capitalismo, através da atual globalização mercadológica, além de ditar as condições materiais do homem, ocupa agora o território subjetivo. Assim, uma vez instalado na nossa subjetividade, a rigor, o indivíduo passa a desejar, olhar e pensar de acordo com esses valores em qualquer parte do mundo. Tal fato, além de tender a levar esse indivíduo a se identificar com um modo de vida consumista (principalmente inspirado nos produtos e marcas de grandes empresas), contraditoriamente estimula também um tipo de liberdade, a qual, reduzida apenas ao mercado, aponta para uma espécie de “servidão voluntária” a ordem hegemônica.”<sup>iv</sup>*



Com a internet e a criação das redes virtuais, a sociedade se tornou mais ainda manipulável para os detentores do poder econômico e político, que as usam com muitas finalidades, entre as quais manterem uma massa de trabalhadores à disposição do mercado para prestar serviços e produzir bens, os quais, em sua maioria não são acessíveis aos seus produtores, que, em grande quantidade estão desempregados – compondo o Exército de Reserva, mas são condicionados a consumir, assim acreditam que poderão adquirir status, pois, consumir é a finalidade da existência humana propagada na sociedade burguesa. Para Adorno “a totalidade das instituições existentes os aprisiona de corpo e alma a ponto de sem resistência sucumbirem diante de tudo o que lhes é oferecido”<sup>v</sup>.

O Estado, controlado pelo capital, quando faz a sociedade acreditar que ao votar e dar legitimidade a uma burocracia, que tem a finalidade de criar e aplicar leis para preservar as injustiças sociais, porém, ao realizar mudanças superficiais, buscam assegurar que nada mude, sempre em nome da democracia, da estabilidade, mas essencialmente com a finalidade de impedir qualquer revolta popular e, quando esta acontecer, punir quem ousar enfrenta-los.

O capitalismo, em sua fase imperialista, com a atual globalização mercadológica, define as condições objetivas da espécie humana e mantém o controle do “território subjetivo”, levando o indivíduo a desejar,

olhar e pensar tal quais os valores propagados universalmente pelos controladores do mercado. Isso leva as pessoas a se identificarem com o consumismo, o que “acreditam ser a liberdade, provocando uma espécie de ‘servidão voluntária’ a ordem hegemônica”<sup>vi</sup>. Destaca Adorno que, a Indústria Cultural difunde uma cultura de subserviência que desarticula qualquer revolta contra o sistema capitalista.<sup>vii</sup>

A comunicação e a indústria cultural se desenvolveram em uma velocidade supersônica a partir do computador e da internet, com a criação de instrumentos que reforçam o controle social, como nunca havia ocorrido na história da humanidade.



## A COMUNICAÇÃO NAZISTA

O período nazista na Alemanha trouxe muitos ensinamentos sobre o controle e a manipulação dos instrumentos e práticas na comunicação, as quais se difundiram com a indústria da propaganda política que foi capaz de manipular e controlar o povo alemão e outros povos, que passaram a acreditar que eram seres superiores e tinham o direito de exterminar as demais nações, culturas e pessoas.

*Quando Hitler assumiu o poder, em 1933, os nazistas controlavam menos de 3% dos 4.700 jornais alemães. A eliminação de sistema político multipartidário não apenas levou ao fim de centenas de jornais produzidos pelos partidos destituídos, mas também permitiu que o estado confiscasse gráficas e equipamento dos partidos Comunista e Social-Democrata, que com frequência criticavam diretamente o Partido Nazista. Nos meses seguintes, os nazistas estabeleceram o controle e passaram a exercer influência sobre os órgãos da imprensa independente. Nas primeiras semanas de 1933, o regime nazista posicionou o rádio, a imprensa e os curtas-metragens para provocar o medo da iminente "ascensão dos comunistas" e depois canalizou a ansiedade do povo através de medidas políticas que erradicavam a liberdade civil e a democracia".<sup>viii</sup>*

Com a instalação do regime nazista, Hitler efetivou o controle dos jornais no país. A partir de 1933, foi implantada uma poderosa indústria da comunicação, com o desenvolvimento de intensa propaganda política, que fez com que em 1941, a editora do partido se tornasse a maior no país, chegando à circulação diária de um milhão de exemplares do jornal nazista *Völkischer Beobachter* (Observador Nacional). "Em 1935, a Alemanha se tornou a primeira nação a introduzir o serviço de televisão regular. Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda, viu o enorme potencial desse tipo de mídia para a divulgação da propaganda nazista, embora acreditasse que a melhor opção eram as exposições coletivas como no cinema ou no teatro."<sup>ix</sup>

Por outro lado, os governos dos EUA, Inglaterra e França não se posicionaram contra o que ocorria na Alemanha, deixaram Hitler se fortalecer com seu projeto anticomunista e antisemita para avançar em sua ação de extermínio e roubos, livremente. Para os governos ocidentais o inimigo principal era a URSS:

*"[...] Londres e Paris pareciam cegas para o perigo real, movida pelo interesse próprio e pelo ódio ao socialismo. Políticos míopes diziam: deixemos que Hitler faça sua cruzada anticomunista no leste. Para eles, Hitler era o mal menor". (VOLKOGONOV, 2004:366).<sup>x</sup>*

Em agosto de 1945, um mês antes de a Segunda Guerra findar (setembro), depois que a URSS havia derrotado a invasão nazista e ocupado Berlim, em abril desse ano, após libertar os países que haviam sido ocupados por Hitler, os EUA jogaram as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki e mataram mais de cem mil pessoas, em segundos; outras dezenas de milhares morreram nos dias seguintes.

Entretanto, a história oficial, contada pela mídia, apesar do genocídio contra civis japoneses - ocorrido no único atentado com o uso de armas atômicas, até agora, não cobra a punição, nem responsabiliza os EUA por crime de guerra. Não faz também nenhuma referência ao Projeto Manhattan, iniciado em 1940 e que produziu a bomba atômica, cujo responsável, o general estadunidense Leslie Groves revelou que o seu objetivo real estava dirigido contra a União Soviética:

*“(...) creio já ser bem conhecido - que não necessitei mais de duas semanas, desde que fui encarregado do projeto, para perder todas as ilusões e convencer-me de que o verdadeiro inimigo era a Rússia e de que o projeto fora preparado sobre essa base. Não adotei, portanto, a atitude então generalizada no país de que a Rússia era um fiel aliado. Sempre alimentei suspeitas sobre a Rússia e o projeto foi encaminhado nesse espírito”. In The Matter of J. Robt. OPPENHEIMER, Imprensa Oficial dos EUA, Washington, 1954, apud DUTT, 1964: 48.<sup>xi</sup>*

O jornal francês Red Voltaire possui inúmeros artigos, que mostram como se posicionaram os governos ocidentais antes do início da grande guerra. O acordo de não agressão, assinado entre Stalin e Hitler, em 23 de agosto de 1939, tem bastante publicidade em livros, revistas e jornais, mas quase nada, fala sobre a aliança que se formou entre a Inglaterra, França, Alemanha e outros governos europeus, antes da assinatura do acordo entre Alemanha e URSS. Em 2008, o Parlamento Europeu chegou a criar o “um dia para recordar as vítimas de todos os regimes autoritários”, para marcar a data da assinatura desse acordo. O jornalista Michael Jabara Carley escreveu sobre a proposta do Parlamento Europeu, destacando que a data que se deve lembrar é a de quando os governos europeus assinaram acordo com Hitler, verdadeiro dia da traição aos povos, mas completamente omitido pelos veículos hegemônicos:

*“Proponho 30 de setembro de 1938. Nesse dia, o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain e o primeiro-ministro francês Edouard Daladier se reuniram em Munique com Hitler e seu funcionário, o fascista italiano Benito Mussolini, para despedaçar a Tchecoslováquia. Tanto diplomatas tchecos quanto soviéticos foram excluídos das reuniões de Munique”.<sup>xii</sup>*

No ocidente, em 1939, há intensa divulgação do acordo assinado por Stálin e Hitler, o que possibilitou a preparação da defesa soviética e a derrota da invasão nazista. A grande imprensa ocidental esconde que esse acordo foi uma resposta ao Compromisso Franco-Alemao de Colaboração Pacífica, firmado em 6 de dezembro de 1938, pelo ministro de Relações Exteriores do Reich, Joachim Ribbentrop, e o ministro de Exteriores da França, Georges Bonnet<sup>xiii</sup>, com a participação da Inglaterra e Itália.

Um artigo de Thierry Meyssan mostra também o Acordo de Munich, assinado em 30 de setembro de 1938, pelo Primeiro Ministro britânico, Neville Chamberlain, para liquidar a Checoslováquia. “O governador do Banco da Inglaterra, Montagu Norman, roubou 27 toneladas de ouro checoslovaco para ajudar a reforçar os exércitos nazis”<sup>xiv</sup>, relatou a reportagem do jornalista francês. Os EUA também tiveram ações articuladas com Hitler. “Em 1940, Prescott Bush – o pai do presidente estadunidense George H. Bush e avô do presidente George W. Bush–



*investiu nas fábricas do campo de prisioneiros de Auschwitz – que se transformaria em campo de extermínio em 1942”.*<sup>xv</sup> Importante lembrar que nenhum destes governantes, que tiveram relações diretas com o nazismo, foram a julgamento pelos seus crimes, bem como tiveram seus nomes, seus atos criminosos e ligação com Hitler apagadas da história oficial pelos meios de comunicação.

Os EUA, em nome da “liberdade” e da “democracia”, em sua cruzada antissoviética, chegaram a organizar, durante os governos de Harry Truman e Dwight Eisenhower, o “Comitê Americano para a Libertação dos Povos da URSS”, que coordenou a propaganda transmitida pela Rádio Liberdade, desde Munich. Esta emissora funcionou até 2001, com forte campanha anticomunista e contra a URSS, mesmo depois que esta deixou de existir, em 1990.<sup>xvi</sup>

A indústria cinematográfica estadunidense, com intensa produção de Hollywood, que recebe investimentos bilionários, desde o fim da grande guerra tem feito intensa propaganda dos EUA e sua política. Os filmes mostram para o mundo os EUA como o libertador da humanidade, ao mesmo tempo em que, propaga que a URSS esteve no mesmo patamar que o nazismo, sendo o comunismo o grande perigo para os povos. Dezenas de países foram invadidos e bombardeados pelos EUA, que usam o discurso mostrado em filmes, livros, telejornais e nas redes sociais. Informações mentirosas sobre a Segunda Guerra Mundial e o papel estadunidense circularam e seguem de forma intensa e massiva. Bilhões de pessoas foram educadas para acreditarem que os EUA são os responsáveis pela libertação da humanidade dos crimes nazistas. Hannah Arendt chegou a comparar os crimes de Hitler com a situação vivida na URSS,



sem destacar o papel desempenhado por Stálin na condução do Exército Vermelho, durante esse período da história. Não levou em conta a guerra enfrentada dentro e fora da URSS, provocada e financiada pelos países ocidentais<sup>xvii</sup>. A propaganda antistalinista foi a base da propaganda contra as conquistas da URSS e o papel desempenhado por essa nação para derrotar o nazismo e Hitler.

Por 75 anos, a indústria cultural, comandada por Washington, transformou o principal dirigente da nação que, libertou a humanidade dos campos de concentração, das câmaras de gás e do extermínio em massa, em um carrasco, sanguinário e desalmado. Usou como base o relatório de Nikita Krushev, apresentado no XX Congresso do PCUS, repetido em manuais escolares,<sup>xviii</sup> universidades e usado intensamente pela indústria cultural, fortalecida nas últimas três décadas com a criação da internet. Este relatório, foi totalmente desmoralizado por milhares de documentos disponibilizados com a abertura dos arquivos na Rússia, como mostrado por muitos pesquisadores, especialmente pelo italiano Domênico Losurdo.

Há muitas publicações de outros autores ocidentais que mostram a farsa que foi o relatório Krushev, entre os quais a Tese de Mestrado do professor baiano, Paulo Oisiovici, que pesquisou os manuais da educação primária no interior da Bahia e no Porto (Portugal), comprovando a desinformação e as mentiras sobre o papel de Josef Stalin e a Segunda Guerra Mundial, os quais são repetidos por agentes da burguesia internacional. Uns com má fé; outros, desinformados. As pesquisas que mostram a farsa do relatório do ex-dirigente da URSS não recebem o devido espaço nos veículos de comunicação de massa. Mesmo setores que se autodefinem como de esquerda, reproduzem integralmente o discurso feito pelos EUA fundamentando-se no relatório de Krushev. Mas não é apenas Stalin que sofre a desconstrução sobre quem foi e o que fez para a construção de uma nova sociedade, onde a dignidade humana e a verdade façam parte do cotidiano de todas as pessoas. Qualquer liderança que ousa enfrentar o poder dos EUA sofre uma dura campanha de mentiras e calúnias.





## A QUEDA DA URSS

Logo após a queda do Muro de Berlim, ocorreram inúmeras mobilizações que levaram ao desmonte da URSS, que provocou uma queda em série dos países do Leste europeu, que passaram a ser governados por dirigentes com fortes ligações com os EUA e iniciaram a restauração do capitalismo, impondo políticas neoliberais, destruindo as conquistas do período socialista e desmontando o Estado, que passou a ser controlado pelos interesses do mercado e da burguesia internacional.

Na Rússia, Gorbachev foi substituído pelo presidente Boris Yeltsin, que se vangloriava por ter levado Mc Donalds e a Coca-Cola para a ex- URSS, mas terminou se transformando em chacota, de tanto aparecer bêbado e fazer elogios aos EUA. Gorbachev passou a viver como palestrante, contando como conseguiu destruir a maior e mais longa experiência socialista da história. Virou um garoto propaganda do capitalismo e do mercado.<sup>xx</sup>

Na Polônia, o líder do movimento anticomunista Solidariedade, Lech Walesa, que comandou lutas de trabalhadores na indústria naval na década de 1980 e foi vencedor do Prêmio Nobel da Paz, em 1983, assumiu a Presidência; antes, em 1978, este país teve Karol Józef Wojtyła escolhido pelo Vaticano. João Paulo II teve papel destacado na campanha contra os governos comunistas. Primeiro, ajudou a campanha de Walesa, em seguida, Hungria e influenciou na queda do Muro de Berlim, com ação destacada para propagar o ideal de “liberdade” difundido pelos EUA.<sup>xxi</sup>

Na Romênia, em dezembro de 1989 prenderam e fuzilaram Nicolae Ceausescu, então presidente desse país. Pesquisa realizada em 2014, para o jornal *Adevarul*, pelo Instituto Nacional para o Estudo dos Serviços e

Consumo da População (Inscop), durante o 25º ano da “Revolução de dezembro 1989”, quando foi reinstaurado o capitalismo no país, em um dos quesitos perguntou qual o melhor presidente da história, “sendo escolhido Nicolae Ceausescu, com 25% de apoio, com seis pontos de vantagem frente ao seguinte, Ion Iliescu”.<sup>xxii</sup>

A Iugoslávia, em 1990, sofreu duras consequências das ondas levadas pelo ocidente para o Leste. O país foi literalmente esgarçado devido guerras internas, alimentadas pelos EUA, o que provocou a divisão do território em sete países: Bósnia - Herzegovina, Croácia, Macedônia, Montenegro, Sérvia, Eslovênia e Kosovo. Em 1999, a Iugoslávia foi bombardeada pelos EUA e OTAN, durante 78 dias, deixando dezenas de milhares de civis mortos, sob o manto do silêncio e cumplicidade da mídia e da ONU. “Contra o povo iugoslavo, foram despejadas 14 mil bombas – inclusive as de fragmentação, proibidas, e as de urânio exaurido – e 2,3 mil mísseis. Pelo menos 40 mil casas foram destruídas ou seriamente avariadas e 20 hospitais foram bombardeados”.<sup>xxiii</sup> Os meios de comunicação de massa nunca denunciaram os crimes praticados pelos EUA, União Europeia e OTAN, durante a maior guerra dentro da Europa após a Segunda Guerra Mundial.

## AS MENTIRAS DOS EUA

O mundo acompanhou ao vivo a invasão estadunidense ao Iraque, em 2003. Os EUA diziam que existiam em Bagdá armas químicas e precisavam destruí-las. Sem o aval das Nações Unidas, que vetou a invasão, os EUA, com apoio militar do Reino Unido, Austrália e Polônia atacaram o povo iraquiano. A imprensa mostrou imagens como se fosse uma guerra de vídeo game, sem aparecer um corpo morto ou ferido, sangue ou sofrimento, tudo como editado pelo Pentágono e Washington. “Não há contagem exata das vítimas entre os iraquianos, mas o levantamento mais citado indica mais de 170 mil mortes, das quais cerca de 80% seriam civis”,

sem nunca ter sido encontrado o arsenal ou laboratórios de armas químicas ou biológicas que os estadunidenses afirmavam existir. Usaram ainda o serviço de mercenários, aos quais incumbiram prender e matar o presidente Saddam Hussein. A propaganda dos EUA fez com que o presidente Hussein se tornasse símbolo de maldade, sendo que ele liderava o país e garantia a paz e a justiça entre seu povo.

Uma ação de milhares de mercenários, coordenada pelos EUA, com a participação de ingleses e franceses, em nome da OTAN, com o comando de Hilary Clinton, após uma intensa campanha midiática, que transformou Muamar Kadhafi em um monstro, os estadunidenses destruíram a Líbia. O país, assim como o Iraque, grande produtor de petróleo, possuía uma sociedade altamente organizada e com elevado IDH, um padrão de vida de alta qualidade e foi totalmente destruído pela ação imperialista. Kadhafi foi assassinado por mercenários, que se passaram por populares líbios, segundo a mídia a serviço dos interesses dos Estados Unidos. Para a população mundial, os EUA e seus aliados da OTAN estavam libertando a população, mas para esta, o que ocorreu foi a destruição de suas organizações civis e públicas.

O povo palestino sofre, desde a invasão de seu território, em 1948, organizada pelo Reino Unido, a destruição de centenas de cidades com a expulsão de seus moradores, que enfrentam o terror imposto por Israel, ao mesmo tempo em que a mídia ocidental mantém um silêncio criminoso e desumano.

Em 74 anos, são milhares de assassinatos, incluindo crianças e adultos, com a destruição de centenas de milhares de lares, que vão sendo ocupados pelos israelenses. Uma ação pensada e liderada pelos sionistas, que recebem o aval em seus crimes dos EUA e demais governos ocidentais. “Criam uma confusão conceitual, onde ser antissionista, ou seja, contrário aos crimes, à limpeza étnica e o apartheid de Israel contra palestinos, vira uma rejeição aos judeus por serem judeus. Mas é sabido que a luta dos palestinos não é contra judeus, contra as pessoas que são da fé judaica, mas contra os invasores, contra os colonizadores e contra os criminosos israelenses”.<sup>xxiv</sup> Crimes que continuam impunes e seguem sendo praticados a todo instante, impondo a dor e sofrimento ao povo palestino, preso e atacado na faixa de Gaza, a maior prisão a céu aberto no mundo, sofrendo diariamente os ataques militares de Israel, que chama de terrorista quem resiste e ousa enfrentar armas modernas e poderosas de Israel, Estado este que pratica o terrorismo com sua desumanidade, assassinatos e violência contra os palestinos desde a sua criação.

## ATAQUES DOS EUA NA AMÉRICA LATINA

Na Venezuela, não tem sido diferente. Desde a eleição do comandante Hugo Chávez Frias para a presidente, em 1998, tem sido realizada uma intensa campanha midiática mundial com a total inversão dos fatos.

Primeiro, tentaram ridicularizar o presidente Chávez, o que ainda se escuta por parte da direita e é repetido por alguns setores que dizem de esquerda.

Em abril de 2002, a direita venezuelana, com o apoio de militares desertores, sequestrou o presidente e divulgaram que ele havia renunciado. Enquanto a mídia hegemônica divulgava a queda do governo e anunciava o novo presidente, um empresário golpista, que chegou a conceder entrevistas como presidente, a população ocupou Caracas, após um militar ter repassado a informação sobre o local onde estava o presidente sequestrado. Chávez foi reconduzido ao Palácio Miraflores.



A prematura morte do comandante Chávez devido um câncer, aos 56 anos, tem todas as características de ter sido um envenenamento, diante da agressividade da doença. A Revolução Bolivariana avançou, o povo elegeu Nicolás Maduro Moros como presidente.

Em 2013, 2014 e 2017 a oposição ligada a Washington, tentou repetir ações semelhantes às feitas na Líbia, causando mortes e destruição, com atentados armados e violentos que deixaram um saldo de dezenas de civis mortos, com a realização das “guarimbas”, enquanto propagavam que era o governo que causava a violência.

Em 2018, com o uso de drones, atacaram um desfile militar em Caracas, queriam matar o presidente Maduro e outras autoridades, não conseguiram, mas feriram vários soldados.

Em 2019, com a reeleição de Maduro, não sendo reconhecida, os EUA inventaram um autoproclamado presidente, reconhecido por governos lacaios de Washington, entre os quais o Grupo de Lima. Guaidó, um deputado que não teve um voto para presidente, chegou a ser recebido em Washington, Brasília e capitais de outros países com honras de Chefe de Estado. A grande imprensa

sempre deu muito espaço, fazendo efetiva publicidade do agente indicado pelos EUA presidente, enquanto caluniavam e descredenciavam o legítimo governante da Venezuela. Uma intensa campanha midiática mundial propagou que o presidente Maduro era um ditador. Discurso repetido por populares, políticos e até setores de “esquerda”.

Foram muitas as ações para desestabilizar o país com a maior reserva petrolífera do mundo. Em maio de 2020, um grupo de mercenários, contratados pela empresa estadunidense Silvecorp, agência que atuou em golpes em vários países, foi preso por pescadores, nas praias de La Guaira, na divisa com a Colômbia, quando tentaram entrar no país com a finalidade de assassinar o presidente Maduro. O contrato entre a Silvercorp e o grupo de Guaidó e os depoimentos dos mercenários foram totalmente ignorados pela grande imprensa.<sup>xxv</sup>

As sanções provocaram uma crise econômica, levando venezuelanos a saírem do país, com a mídia repetindo dia e noite o discurso de que esse povo tinha um governo corrupto, criminoso e que precisava ser derrubado. A resposta dos venezuelanos foi mais organização, união e resistência. As mais de 25 eleições realizadas na terra de Bolívar, entre 1999 e 2022, não tem valor para os EUA.



A CIA seguia dando as ordens para que a grande imprensa continuasse fazendo a propaganda que Nicolás Maduro é um ditador. O que vale para os EUA é ter governos que sirvam aos seus interesses. Isto é o que eles chamam de democracia e liberdade, imposta com armas, mentiras e golpes.

A partir de 1979, os EUA financiaram ataques militares com atentados terroristas para atacar a Revolução Sandinista. A operação Irã-Contras ficou conhecida no mundo. Uma ação que os EUA usaram o tráfico de drogas e o contrabando de armas para apoiar os mercenários e contrarrevolucionários na Nicarágua. Os crimes praticados por orientação da CIA e do Pentágono causaram milhares de vítimas fatais civis e destruíram a estrutura da economia do país. Inúmeros atentados terroristas foram praticados contra o povo e o governo da Nicarágua. Este terminou por convocar eleição, a qual elegeu uma candidata, Violeta Chamorro, financiada e apoiada pelos EUA, em dezembro de 1989. Até 2006, os neoliberais estiveram no poder, quando a FSLN retornou ao governo, depois de vencer a eleição. Teve que se refazer inúmeras políticas sociais, destruídas pelos agentes dos EUA durante o período que estiveram no poder. Em 2018, para tentar impedir a eleição presidencial, os contra nicaraguenses e mercenários, coordenados pela embaixada dos EUA, realizaram ataques nas ruas, os quais deixaram quase duzentos mortos, muitos civis. Na eleição de 2021, a própria embaixada dos EUA coordenou uma ação com a contratação de centenas de mercenários para repetir os ataques de 2018, os quais foram evitados, com o governo agindo antes, prendendo e entregando a justiça os criminosos. Esta ação seria coordenada por lideranças da direita, as mesmas que sempre estiveram cumprindo as determinações de Washington. A mídia hegemônica, mais uma vez, repetiu o velho discurso contra os governos que não são servis do império, acusando o presidente Daniel Ortega e a vice-presidente, Rosário Murillo, de corruptos e ditadores, que impediram a oposição de participar do processo eleitoral. Em nenhum momento

informaram que estavam sendo julgados pela tentativa de provocar mortes e repetir as ações terroristas de 2018, tendo recebido recursos financeiros dos EUA para executar os crimes. Também não divulgaram que a eleição de novembro de 2021 teve uma participação de 65% do eleitorado da Nicarágua, um número bem elevado, considerando as eleições dos EUA, França ou Brasil. Destes que votaram, 75% escolheram para presidente Daniel Ortega, que enfrentou cinco candidatos da oposição. Ou seja, uma eleição altamente representativa e legítima, o que não é aceito pelos EUA e seus lacaios. Infelizmente, além da direita dirigida a partir de Washington, setores de uma esquerda colorida e perfumada, repetem o mesmo discurso do imperialismo, ecoado pela grande imprensa e redes sociais.

Cuba, depois de enfrentar 62 anos de uma dura guerra midiática, simultânea a prática de atos terroristas, sustentados por um cruel bloqueio econômico, integra a relação de países vítimas dos crimes praticados pelos EUA. A partir de Miami há uma permanente difusão de mentiras e ofensas ao povo e ao governo cubano, com a finalidade de sabotar o processo revolucionário.

A resposta cubana tem sido uma férrea unidade e organização popular, capaz de barrar os ataques sofridos e reforçar a propagação da verdade, por meio de veículos de comunicação que tem grande respeitabilidade por seu profissionalismo.

Mesmo com as grandes dificuldades enfrentadas, devido à situação econômica, provocadas por quase 300 sanções impostas pelo bloqueio econômico, a revolução cubana segue avançando em suas conquistas, com o uso da criatividade e o fortalecimento do poder popular e do socialismo no enfrentamento às ações criminosas dos EUA e seus agentes.

Com a liderança de Fidel Castro, em 1961, a revolução derrotou a tentativa de invasão estadunidense em Praya Girón, quando milhares de mercenários foram derrotados e presos pelos revolucionários. Nessas décadas, os EUA investiram bilhões de dólares em



nome da “democracia” e da “liberdade” para derrubar o governo da Ilha, com massivas campanhas na mídia mundial propagando mentiras e calúnias, investindo em ações de sabotagens e muitos atos criminosos contra o povo cubano. O comandante Fidel Castro chegou a sofrer mais de 600 atentados contra a sua vida.

No final de 2021, a partir de Washington, desenvolveram uma campanha midiática em defesa dos direitos humanos em Cuba, com o financiamento de ativistas de organizações contrarrevolucionárias que repetiam fora da Ilha que não havia o devido enfrentamento à pandemia da Covid-19. Organizaram uma mobilização, a partir da cidade de San Isidro, que reuniu algumas dezenas de ativistas de direita. Uns cubanos, residentes na ilha, outros, turistas que foram com a finalidade de provocar atos terroristas, os quais praticaram atos de violência e tentaram mobilizar o povo. Usaram, a partir dos EUA, uma intensa campanha por meio da mídia hegemônica internacional, dizendo que era o povo que estava nas ruas contra o governo. Usaram fartamente fake news para mostrar que os atos realizados em Cuba eram massivos, inclusive com o uso de imagens do Egito, afirmando que era no Malecon, em Havana.

A resposta dada pelo povo e o governo cubanos foi a de sair às ruas e mostrar que os contrarrevolucionários não têm espaço, nem vez na ilha. Grandes manifestações populares em apoio à Revolução e ao socialismo, lideradas pelo presidente Miguel Díaz-Canel, foram realizadas em toda Ilha, as quais foram escondidas pela mídia. Também esconderam que Cuba produziu cinco vacinas anticovid, que foi um dos países que teve um dos menores números de mortos no mundo e um dos primeiros a vacinar quase 100% de sua população, incluindo crianças, a partir dos 2 anos de idade, contra a covid-19. Isso, inclusive, permitiu ao país abrir as fronteiras em sua totalidade, com total segurança. Ou seja, a mídia falava o oposto dos fatos ocorridos neste pequeno grande país.

O papel desinformador e de manipulação das redes e mídias tradicionais evidencia-se de forma muito clara diante do tratamento dado a dois países: Israel e Colômbia. No primeiro, mesmo atacando diariamente o povo palestino, a quem mantém encarcerado e fustigado pelos soldados israelenses, que assassinam crianças e idosos com a crueldade e desumanidade dos perversos governantes sionistas, a mídia omite os crimes de Israel, sempre colocando que este estado se defende dos “terroristas” palestinos e árabes. Uma inversão absurda, repetida pelos meios de comunicação e a poderosa indústria cultural de Israel, que propaga que as vítimas são os criminosos, os violentos. Israel rouba o terri-

tório, destrói residências e cidades inteiras e assassina civis com o uso de poderosas e modernas armas, a mídia omite todos esses crimes, que seguem com a complacência e conivência dos EUA e União Europeia.

A Colômbia possui um governo ligado ao narcotráfico, apoiado por grupos paramilitares, que assassinam lideranças sociais diariamente. Os EUA mantêm bases militares no país, com o argumento de que combatem a produção de cocaína, sendo na realidade agrupamentos avançados para auxiliar na perseguição e repressão aos setores populares e de esquerda. Com o processo de paz, mediado pelo Vaticano e Cuba, com a assinatura do acordo de paz em Havana, que levou à institucionalização das FARC, que se tornou um partido político, o governo não cumpriu sua parte. As lideranças das FARC, sindicatos, movimentos sociais e camponeses têm sido assassinadas quase diariamente, sempre com a cumplicidade das forças militares estatais e o silêncio das mídias, em todo o mundo e, principalmente, na região. Durante a greve geral no final de 2021, as forças do governo usaram uma força desmedida, reprimindo com violência e o uso de forças paramilitares, que mataram e feriram centenas de trabalhadores. Nada disso circulou na mídia hegemônica, que repete o discurso preparado em Washington que mente ao falar de Venezuela, Nicarágua e Cuba.



## A ONDA DE FAKE NEWS SE PROPAGA COM OS ALGORITMOS

Na atual fase histórica, a comunicação, com suas novas ferramentas tecnológicas, tem sido mais eficiente e poderosa para efetivar o controle e a formação do pensamento coletivo. Isso pode ser comprovado com a utilização das redes sociais para as eleições de Donald Trump (EUA), Victor Orban (Hungria), Jair Bolsonaro (Brasil) e o uso de bots, em 2016, durante a campanha para a saída do Reino Unido da União Europeia – Brexit.<sup>xxvi</sup>

A Câmara dos Representantes EUA chegou a instalar uma comissão para investigar o papel desempenhado pela Amazon, Apple, Facebook e Google, e divulgou um relatório em que “acusa as quatro das maiores empresas de tecnologia de ter abusado de seus poderes de mercado”, as quais “têm poder demais, e esse poder precisa ser controlado e sujeito à fiscalização adequada” e “nossa economia e nossa democracia estão em risco”.<sup>xxvii</sup>

Edward Snowden e Julian Assange mostraram ao mundo os crimes praticados pelos EUA ao violarem a internet, grampearem telefones e assassinar inocentes. Por isso, os dois são perseguidos pelos EUA. O primeiro conseguiu exílio na Rússia, onde permanece, já Assange segue preso no Reino Unido, com a justiça tendo aprovado sua extradição para os EUA, onde poderá receber pena de prisão de mais de 175 anos. Tudo porque mostraram ao mundo os crimes praticados por Washington contra a liberdade de comunicação no mundo.

Em 5 de junho de 2013, “o jornal britânico “The Guardian” publicou a primeira reportagem sobre os programas de espionagem, mostrando que a Agência Nacional de Segurança coleta dados sobre ligações telefônicas de milhões de americanos diariamente e que também acessa fotos, e-mail’s e videoconferências de internautas que usam os serviços de empresas americanas, como Google, Facebook e Skype”.<sup>xxviii</sup>

Os algoritmos são utilizados para observar o comportamento e os interesses dos usuários da internet, criando uma situação que influa nas necessidades e ações futuras.<sup>xxix</sup> Isto explica a política do lawfare, guerra com o uso da lei e da mídia, que tem sido largamente usado na América Latina, como foi o caso da Operação Lava Jato, no Brasil, que foi precedida com as mobilizações em junho de 2013, mesmo ano que ocorreu o golpe na Ucrânia e em outros países. Chegou a ser denominado pelos meios de comunicação hegemônicos como a continuidade da Primavera Árabe, apesar de terem mostrado ao mundo que na realidade representou um inverso, pois trouxe medo, destruição e mortes.

A partir de uma ação articulada entre as redes, com o intenso uso de fake news, formulados com a ajuda dos algoritmos, que possibilitam “um modo especial de coordenação na seleção de informações e no controle de comportamento”,<sup>xxx</sup> provocando a “filtragem personalizada de acessos à informação”, “influencia-se o comportamento decisório na absorção e, indiretamente, no processamento de informações – complementado por mensagens publicitárias dirigidas”,<sup>xxxi</sup> por meio dos veículos de comunicação de massa e o reforço da indústria cultural.

A campanha poderosa feita pelas redes, que leva a imposição de valores éticos e morais, com o *“controle de comportamentos impulsionado pela disponibilidade dos “Big Data”, que, por sua vez, é uma consequência da algoritmização”*,<sup>xxxii</sup> forma uma massa homogênea que reproduz literalmente o que é programado e pensado pelos proprietários das plataformas, os mais ricos do mundo. O discurso imposto pelas redes, com a reprodução dos demais veículos, apoiados por instituições públicas e privadas, dão sustentação à formação de valores que propagam o empoderamento individual, por meio do sucesso pessoal, que se dá essencialmente a partir da formação de consumidores vorazes, em nome de uma liberdade de ser superior aos demais, mesmo que se viva diariamente com a miséria e dificuldades resultantes da programação do sistema. Os mais ricos do planeta, para aumentarem suas riquezas, destroem nações, saqueiam povos e demonizam quem não se alinha aos seus interesses. Sempre dizem falar em nome da liberdade e da democracia do mercado, controlado por meia dúzia de bilionários, que historicamente, ao longo de séculos, matam e roubam os povos, por isso alimentam o ódio, a xenofobia e difundem mentiras contra quem os derrotou no passado ou quem ousou fazer um sistema diferente.

## A RUSSOFOBIA E A CONTINUIDADE DO ANTISOVIENTISMO

A ação da Rússia na Ucrânia é uma resposta à ação do Imperialismo. Em 2014, os EUA organizaram um golpe neste país, colocaram um governo servil, que passou a atacar as populações da região de Dombas. Foram 8 anos de ações militares, com mortes de milhares de civis, assassinados pelo próprio governo nacional. Em Odessa, chegaram a incendiar o edifício onde funcionava a sede de vários sindicatos e do partido comunista da Ucrânia. Tudo com o total silêncio das cadeias de comunicação mundial.

Kiev passou a ser controlada por grupos nazistas, que tem atacado e matado seus próprios cidadãos, tudo com a orientação e financiamento dos EUA, que buscam impor sua força no mundo. Com o ingresso da Ucrânia na OTAN ocorreria uma ameaça militar direta contra a Rússia na sua fronteira. Verdadeiro objetivo dos EUA.



Por vários anos, mesmo anterior a 2014, o presidente Vladimir Putin tem feito discursos sobre as posições do governo russo, reforçando a diplomacia e o diálogo para que fossem mantidos os acordos feitos em 1990, que afirmaram que a OTAN não avançaria para leste, bem como os acordos de Minsk, que garantiria um plebiscito na região de Dombas, bem como haveria o fim dos ataques militares contra a população que buscava sua independência. Nada disso valeu, nem recebeu a devida divulgação da mídia ocidental.

Tudo isso, no lugar não foi levado em conta pelos EUA e União Europeia, pelo contrário. Investiram em armamentos e na formação de grupos nazistas na Ucrânia, por anos, os quais continuamente atacaram militarmente a população civil, em Dombas e em outras regiões da Ucrânia. Entretanto, todas essas informações são omitidas pela grande imprensa, que não fala dos crimes praticados pelo governo da Ucrânia contra seu próprio povo. Também tem sido propagado intensamente um ódio sem limite aos russos, a sua arte e cultura. Mesmo a propagação do discurso de ódio nas redes sociais contra o povo russo foi liberada. Ao mesmo tempo em que se impôs uma férrea censura às informações sobre os fatos.

Assim, como no passado, a divulgação de mentiras tem sido a regra na imprensa, bem como esconder a verdade em relação à URSS ao derrotar os nazistas na Segunda Grande Guerra. A mídia nada fala sobre o genocídio praticado em Hiroshima e Nagasaki, sobre as armas químicas que nunca existiram no Iraque, acerca da destruição da Líbia e os assassinatos em massa praticados por mercenários nesse país, a tragédia contra o povo palestino que segue com a cumplicidade do ocidente, os atentados criminosos na Síria, inclusive com armas químicas, nem sobre os golpes em dezenas de países na América Latina, os quais deixaram centenas de milhares de mortos, desde o México até a Patagônia, no Chile.

A mentira cada vez mais se apresenta como verdade de tanto ser repetida por veículos de comunicação e nas redes sociais, controladas pelos algoritmos.

O mesmo se dá em relação à necessidade de se enfrentar o ressurgimento do nazismo e do fascismo, o silêncio faz parte da política para dar uma sobrevida ao capitalismo, que neste momento, de profunda crise, necessita aumentar a exploração e o roubo de riquezas, a opressão aos povos e garantir que a população se torne mais ainda massa de manobra da burguesia, fortalecer o individualismo e a apatia entre as massas. Tudo para assegurar que a meia dúzia de bilionários, que controlam os meios de comunica-



ção, as redes virtuais e definem o uso e aplicação dos algoritmos para formar consumidos e defensores dos valores de mercado e do neoliberalismo, fiquem mais poderosas.

Quantos países a Rússia invadiu para saquear riquezas? Quantas nações a China ocupou militarmente para impor governos lacaios? Em quantas nações os países europeus sequestraram pessoas para escravizar? Quantos países sofreram intervenção militar ou na atual fase o *lowfare*, organizados pelos EUA? Os fatos estão aí, entretanto a comunicação, imposta pela mídia hegemônica, mente, manipula e impõe inverdades.

Por isso, derrotar o governo lacaio dos EUA, na Ucrânia, que atuam como provocadores no Leste Europeu, tem grande importância para a conquista de um mundo multipolar, de equilíbrio entre as nações, que assegure um tempo de respeito entre os povos, garantindo-lhes soberania e autodeterminação, com justiça e paz, impedindo que os nazistas e sionistas sigam com seus crimes contra a vida. O bloco de nações que não estão alinhados ao avanço da OTAN mostra que o mundo não sairá o mesmo após este confronto, pois caminhamos para a multipolaridade, com a formação de uma ampla unidade de nações contra às políticas ingerências dos EUA.

- 
- i <http://estrategiaeanalise.com.br/teoria/da-contra-informacao/c3a3o-ao-pensamento-c3banico-neoliberal:-conceitos-de-cr3ADtica-c3A0-ind3c3BAstria-da-m3ADdia,420757fce1d843aa90021fac9ed9aee5+01.html> Da contra-informação ao pensamento único neoliberal: conceitos de crítica à indústria da mídia
- ii Idem.
- iii ADORNO, T. W. *Indústria Cultural e Sociedade*. Paz e Terra. São Paulo, 2002.
- iv Artigo de Rogério Lustosa Bastos. *Marcuse e o homem unidimensional: pensamento único atravessando o Estado e as instituições*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2014.
- v ADORNO, T. W. *Indústria Cultural e Sociedade*. Paz e Terra. São Paulo, 2002.
- vi Artigo de Rogério Lustosa Bastos. *Marcuse e o homem unidimensional: pensamento único atravessando o Estado e as instituições*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2014.
- vii Idem
- viii <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/writing-the-news> A disseminação da informação jornalística nazista
- ix Idem.
- x OISIOVICI, P. *Estaline nos manuais de Portugal e Brasil*. Dissertação Mestrado Universidade do Porto, 2019.
- xi Idem
- xii <https://www.voltairenet.org/article188894.html> El día que Occidente prefiere olvidar - "Yo propongo el 30 de septiembre de 1938. Ese día, el primer ministro británico Neville Chamberlain y el primer ministro francés Edouard Daladier se reunieron en Munich con Hitler y con su amanuense, el fascista italiano Benito Mussolini, para despedazar Checoslovaquia. Tanto los diplomáticos checos y como los soviéticos fueron excluidos de las reuniones de Munich."
- xiii Idem.
- xiv Idem
- xv «Los Bush y Auschwitz, una larga historia», por Thierry Meyssan, *Red Voltaire*, 1º de junio de 2003 e «Los sucios negocios de banqueros estadounidenses y dirigentes nazis durante la Segunda Guerra Mundial», por Vladimir Simonov, *Red Voltaire*, 3 de mayo de 2005.
- xvi <https://salvemplanetajapal.org/es/blog/radio-liberty-amplificando-la-libertad-des-de-la-playa-de-pals/> Las ondas de radio que combatieron el avance de la Unión Soviética
- xvii LOSURDO, D. *Stalin. História Crítica de Uma Lenda Negra*. 2010.
- xviii Idem VI.
- xix Idem XVII
- xx <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/04/documentario-do-e-tudo-verdade-e-requiem-para-o-ultimo-lider-sovietico.shtml> Filme É Tudo Verdade é réquiem a Gorbachov, o último líder soviético
- xxi <https://noticias.cancaonova.com/especiais/canonizacao-joao-paulo-ii-e-joaoxxiii/o-papa-joao-paulo-ii-e-a-queda-do-comunismo/> O Papa João Paulo II e a queda do comunismo
- xxii <https://pt.granma.cu/mundo/2014-10-15/os-605-dos-romenos-consideram-que-vivem-pior-que-na-epoca-socialista> Os 60,5% dos romenos consideram que vivem pior que na época socialista
- xxiii <https://horadopovo.com.br/otan-trouxe-a-guerra-a-europa-pela-1a-vez-desde-a-ii-guerra-ao-bombardear-belgrado-em-1999/> Otan trouxe a guerra à Europa pela 1ª vez desde a II Guerra ao bombardear Belgrado em 1999
- xxiv <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2021/06/questao-israel-palestina-73-anos-de-limpeza-etnica/> Questão Israel-Palestina: 73 anos de limpeza étnica
- xxv <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2020-05-11/venezuela-captura-mais-11-mercenarios-contratados-para-sequestrar-maduro.html> Venezuela captura mais 11 mercenários contratados para sequestrar Maduro.
- xxvi <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/3647/pdf> Controle do Comportamento por Meio de Algoritmos: um Desafio para o Direito. WOLFGANG HOFFMANN-RIEM
- xxvii <https://murray.adv.br/congresso-dos-eua-acusa-amazon-apple-facebook-e-google-de-monopolizar-mercado/> Congresso dos EUA acusa Amazon, Apple, Facebook e Google de monopolizar mercado
- xxviii <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/entenda-o-caso-de-edward-snowden-que-revelou-espionagem-dos-eua.html> Entenda o caso de Edward Snowden, que revelou espionagem dos EUA
- xxix <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/3647/pdf> Controle do Comportamento por Meio de Algoritmos: um Desafio para o Direito. WOLFGANG HOFFMANN-RIEM
- xxx Idem
- xxxi Idem
- xxxii Idem



## EL IMPERIALISMO NORTE AMERICANO E INTERNACIONAL, UNIÓN EUROPEA, OTAN HAN AGITADO LAS PUNTAS DE LANZA Y VIENTOS DE GUERRA EN EUROPA DEL ESTE.

*Luis Ernesto Guerra\**

Bastó que La Federación de Rusia reconozca la independencia de las Repúblicas de Donetsk y Luhansk, para que se activen Los Complejos Militares yankees, la Organización Tratado del Atlántico Norte (OTAN) o Tratado de Washington, y la diplomacia del Consejo de Seguridad de Naciones Unidas (ONU Seguridad), cuando se ven amenazados los intereses geopolíticos y geoeconómicos del imperialismo norteamericano e internacional.

Son ocho años de exterminio que vienen sufriendo estas jóvenes repúblicas prorusas, por el ejército neonazi ucraniano, entrenado por la OTAN, las que tienen un alto porcentaje en su composición étnico cultural de origen ruso y que han solicitado apoyo a la Federación de Rusia, a fin de contener la penetración de este ejército formado a imagen y semejanza de las tácticas y estrategias colonizantes de la guerra fría.

Es evidente una notoria mirada de doble rasero, impuesta por la alteridad de poder de Estados Unidos de Norteamérica, el lobby sionista, que controla al gobierno federal estadounidense y su brazo armado refuncionalizado en la OTAN, a fin de seguir con el libreto de injerencia, para torpedear la soberanía, la libre autodeterminación de los pueblos y naciones consagradas en La Carta Constitutiva de Las Naciones Unidas.

¿Quién ha violentado el Acuerdo de Minsk?

Ucrania, azuzada por EE. UU, para penetrar con bases militares de La OTAN, y torpedear las nuevas formas de integración, cooperación y alianzas estratégicas construidas por Rusia, China, Irán, con una mirada asentada en la paz, el desarrollo soberano de los pueblos, así como el bienestar y desarrollo, pensado desde los seres humanos, desde un mundo sin violencias, en plena armonía con la vida.

Un mundo multicéntrico, multipolar, anti hegemónico, no autoritario y unipolar, que pretende seguir perpetuando Estados Unidos de Norteamérica, OTAN, brazo armado de la Unión Europea(UE), las monarquías británica y española, con sus rezagos colonialistas, que pretenden continuar con el saqueo de los recursos naturales, al igual que el nefasto Estado sionista genocida y filofascista de Israel.

La Guerra fría versión 2.0

Estados Unidos de Norteamérica convertido en el gendarme del mundo, ha vuelto a reactivar la guerra fría, viene de tumbo en tumbo, invadiendo y transgrediendo las soberanías que no responden a su perverso modelo.

Este maquiavélico gran hermano, viene de una tortuosa génesis de invasiones, al más metastásico modelo de guerra permanente, de violentar y pisotear el derecho internacional, y todos los instrumentos internacionales de derechos humanos.

A propósito, cuando propiciaron la destrucción de Yugoslavia, nadie dijo, absolutamente, nada.

Su tan cacareada ayuda humanitaria ha servido para sembrar el mundo de bases militares y mercenarios, con fuero para acabar con la vida, de todo aquel que pretenda cuestionar su narrativa. Al fin y al cabo, ellos se consideran elegidos para ser los árbitros del bien y del mal y siempre defenderán sus intereses de carácter económicos, políticos.

Total, quieren seguir controlando el ajedrez geopolítico y geoeconómico a punta de sus marines, de pertrechos bélicos, portaviones y bases militares flotantes con armas nucleares.

Hablemos claro, estos imperialistas pretenden dar lecciones de defensa de los derechos humanos, cuando los violentan, cometen crímenes de lesa humanidad y no existe tribunal sobre la tierra que los juzgue y sancione. Podemos enlistar una larga secuencia histórica, abrupta, de su nefasto accionar.

No en vano el Libertador Simón expresó que Los Estados Unidos parecen destinados por la Providencia a plagar la América de miserias en nombre de la libertad.

Aún están frescas sus improntas en América Latina y El Caribe, con sangrientas dictaduras cívico-militares, durante el Plan Cóndor, hoy transformado en Plan Cóndor 2.0, en donde se cometieron terribles violaciones de los derechos humanos, con desapariciones forzadas, juzgamientos extrajudiciales, torturas, mutilaciones, con impunidad perpetuada hasta la actualidad.

Cabe enlistar a la denominada revolución de los colores en Europa del Este, Asia Central, Irak, Libia, Afganistán, Irán, el asedio e injerencia no para.

Cuba, Nicaragua, Venezuela Bolivariana, son su objetivo. Este gran hermano es macabro, jamás se inmuta para cometer magnicidio, bloqueo, sanciones, medidas coercitivas unilaterales, órdenes ejecutivas, usurpa el dinero de los pueblos que no responden a su decadente colonialidad, para sabotear y desestabilizar democracias con su tortuosa maquinaria bélica e imperialista.

Para Estados Unidos y sus denominados aliados de la Unión Europea (UE), la OTAN, Gran Bretaña, Canadá y demás socios estratégicos de la Alianza Atlántica, es muy importante penetrar e incidir mediante el control hegemónico y geoestratégico del área de Europa del Este, con el fin de limitar y disminuir al máximo la influencia de Rusia, controlar el acceso de fuentes energéticas.

No en vano han cortado el paso del gasoducto del Nord Stream 2 que pasa por Ucrania, que abastecía a Alemania y al 50 por ciento de países de la Unión, concomitante contener la influencia de China y la posibilidad de acceso a los recursos naturales y energéticos del área.

Allí radican los intereses estadounidenses, el control geoestratégico de esta región muy rica en petróleo y recursos energéticos.

Está demostrado que cada vez las guerras imperialistas cuestan más en vidas y medios, sin olvidar que cuentan con una gran red y maquinaria de medios corporativos, que únicamente difunden la narrativa imperialista.

Ergo, es importante mencionar que todo lo financian con los recursos que se apropian de los países a los que aplican su tortuoso manual injerencista y expansionista.

¿Qué subyace a la democracia del orden del gran hermano imperialista?

¿Acaso no han secundado la prisión a cielo abierto más grande del mundo en la franja de Gaza, que extermina al pueblo palestino, y que estas fuerzas militares ocupacioncitas del sionismo sigan asesinando niños y adolescentes que lanzan una pequeña piedra y condenando a otros cientos a permanecer en prisiones?

¿Acaso no fue el gobierno federal estadounidense que reconoció la expansión del Reino de Marruecos en el Sahara Occidental, perteneciente a la República Árabe Saharaui Democrática, que además reconoció a Jerusalén como capital del estado sionista de Israel, así como su abrupta salida de Afganistán, después de treinta años de destrucción, llevando una guerra, la que ha provocado una estampida de cientos de miles de afganos y afganas condenándolos a la migración, convertida en terrible pandemia de la pobreza y dejándola en soletas, a punto de una crisis alimentaria?



Hoy la guerra fría versión 2.0, tiene una mirada estratégica anclada con todas sus argucias y patrañas, mentiras recurrentes, abundantes Fake-news, la que no ha desaparecido, por el contrario está reactivada por los intereses geoeconómicos, los recursos naturales y recomposición interna de Joe Biden, venida a menos su popularidad, con una terrible crisis interna, que golpea al pueblo norteamericano.

En el ajedrez geopolítico el hegemon norteamericano, va perdiendo hegemonía.

El capitalismo y neoliberalismo salvajes quieren seguir imponiendo su autarquía y autoritarismo y empobreciendo a los pueblos



Hoy la guerra fría versión 2.0, tiene una mirada estratégica anclada con todas sus argucias y patrañas, mentiras recurrentes, abundantes Fake-news, la que no ha desaparecido, por el contrario está reactivada por los intereses geoeconómicos, los recursos naturales y recomposición interna de Joe Biden, venida a menos su popularidad, con una terrible crisis interna, que golpea al pueblo norteamericano.

En el ajedrez geopolítico el hegemon norteamericano, va perdiendo hegemonía.

El capitalismo y neoliberalismo salvajes quieren seguir imponiendo su autarquía y autoritarismo y empobreciendo a los pueblos de la humanidad, penetrar las soberanías, instalar sus bases militares, a fin de seguir en su carrera armamentista, que es la lógica perversa de sus Complejos Militares.

Hablemos claro, sus complejos militares, industriales y financieros viven de la venta de armas, esa es su columna vertebral económica, por lo tanto el negocio del gran hermano estadounidense es la invasión, injerencia, y la guerra. La OTAN, al igual que la UE, son sus nuevas colonias, que cumplen a raja tabla el manual de la guerra made in USA.

Mientras tanto activadas las sanciones en contra de la Federación de Rusia, congelamiento de los activos en el exterior, así como al presidente Vladimir Putin y un centenar de funcionarios, no se doblegará ante esta oprobiosa maquinaria occidental e imperialista que fabrica y vende armas para la guerra.

Por ahora, el presidente Vladimir Putin ha recurrido al campo militar debido a que nunca dieron solución al cumplimiento del acuerdo de Minsk. Sin embargo, EE. UU, sigue enviado tropas a Alemania y Europa, las que defienden el afán expansionista e imperialista de este gran hermano norteamericano.

Luis Ernesto Guerra, anti-imperialista equatoriano. 24/02/22



## COLÔMBIA - A PROPÓSITO DE LAS ELECCIONES.

*Lucas Vargas\**

El 2022 es un año electoral tanto para Colombia como para Brasil, dos países que en las últimas elecciones presidenciales y de Congreso de la República -año 2018- cayeron en la trampa discursiva que las derechas (en su versión centro o de extrema) utilizaron para asustar, diciendo que si ganaba Fernando Haddad –en Brasil- o Gustavo Petro –en Colombia- estos países se convertirían en una segunda Venezuela.

Como resultado: en Brasil, a través del uso de ‘fake news’ asesorados por Steve Bannon, con manipulación de datos, falso ejercicio periodístico que creaba ‘realidades mediáticas’ y generando una idea mítica de su imagen como político nuevo, Bolsonaro resultó electo presidente; y en Colombia, como estrategia de marketing político usaron la crisis (creada internacionalmente y azuzada desde Colombia) en Venezuela para hacer de ésta un capital y discurso electoral y obtener, así, réditos políticos-electorales, dando como resultado la elección de Duque, el candidato del partido de extrema derecha llamado centro democrático. Valiéndose de la guerra político-económica –y psicológica- que USA y sus epígonos latinoamericanos le declararon a Venezuela, y la crisis que esta acción desestabilizadora ocasionó en el país caribeño, las derechas latinoamericanas han usado como recurso discursivo la creación de segundas ‘Venezuelas’, para así, sin un proyecto político y de país que ofrecerle a sus electores, alzarse con los votos que las campañas de miedo, la creación de fantasmas y el ‘terrorismo mediático’ le permitieron.



---

<sup>1</sup> Acogidos a los principios de la democracia de mercado *made in USA* Bolsonaro y Duque se pusieron al servicio de los intereses estadounidenses en la región y convirtieron a Brasil y Colombia en plataforma de ataques contra Venezuela, plataforma desde la cual se lanzó una nueva embestida de esa guerra no convencional en la que se usa la política, la economía y la diplomacia para bloquear un país que es considerado hostil a los intereses nacionales washingtonianos. Es de recordarse la acción desestabilizadora y de tentativa de golpe llevada a cabo los días 22 y 23 de febrero de 2019 desde las fronteras que Brasil y Colombia tienen con Venezuela con la excusa de ingresar una supuesta ayuda humanitaria. Parte de dicha guerra no convencional es la payasada que Duque encabezó desde Colombia en el marco del Grupo de Lima y que bautizaron con el nombre de ‘Cerco Diplomático’, que no fue otra cosa sino la imposición de sanciones y bloqueos a Venezuela y a su heroico pueblo que resiste los ataques lanzados desde La Casa Blanca en nombre de la democracia y de la libertad.

A parte de la ‘venezolanización’ de la agenda político-electoral que en 2018 se llevó a cabo en Brasil y en Colombia (pero también en México que ese mismo año tuvo elecciones presidenciales) los candidatos que ocuparon el tercer lugar después de la primera vuelta electoral –Ciro Gomes en Brasil y Sergio Fajardo en Colombia- optaron por el camino más fácil, el hacerse ‘neutros’, en un momento en que se requería de carácter y de toma de decisiones, pues en ambas realidades nacionales estaba en riesgo la vida, el bienestar y la dignidad de sus pueblos. Dicho riesgo estaba representado por la candidatura de personajes pertenecientes a partidos de extrema derecha; personajes que terminaron imponiendo su pseudo-agenda gracias a la manipulación que el marketing político y el ‘terrorismo mediático’ les posibilitó, pero también, gracias a la indiferencia y falta de carácter de los candidatos derrotados que prefirieron, en el caso de Fajardo, ir a ver ballenas y en el caso de Gomes, ir a Francia a pasar vacaciones.

En Brasil, el candidato que proponía liberar el porte de arma para que los ‘ciudadanos de bien’ se defendieran; el mismo que propuso ametrallar a los militantes del Partido de los Trabajadores; el personaje que cada vez que tenía un micrófono diseminaba odio racial, homofobia, misoginia y xenofobia, ya como presidente en ejercicio, y frente a la pandemia del Covid 19, dejó morir a más de 650 mil personas –cifra que aún no para de crecer- y relacionado con su agenda de odio a la diversidad y a la diferencia, las cifras de muertes violentas aumentaron. Según el Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021 que registra las muertes violentas ocurridas en Brasil en 2020, la letalidad policial aumentó, dejando una cifra de 6.416 personas asesinadas; el 98.4% de esa cifra son hombres, y el 78.9% de esos más de 6 mil asesinatos a manos de la policía, son personas negras. La violencia en contra de la población LGBTQI+ también aumentó: se presentaron 1.169 casos de agresión (un aumento del 20.9%) y 121 asesinatos (un aumento del 24.7%); otra cifra en aumento es la violencia contra mujeres y niñas: 1.350 casos de feminicidio: 74.7% de los casos fue contra mujeres entre los 18 y 44 años, y el 61.8% de las víctimas fueron mujeres negras. No se podían esperar otros resultados en la gestión de un presidente que siendo candidato proponía una agenda de muerte, de violencia, de odio, en síntesis: una agenda de exterminio.

Por los lados de Colombia, cuando Duque estaba en campaña, su partido político tenía como propósito “hacer trizas el acuerdo de paz” que el gobierno de Santos había logrado finiquitar con las en otrora Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia -FARC- y muestra de ese “hacer triza los acuerdos” es el incumplimiento en la implementación de los mismos; también, el asesinato, a la fecha, de 305 excombatientes de las FARC firmantes de los acuerdos, en lo corrido del 2022 la cifra de firmantes asesinados es de 6. El asesinato de líderes sociales parece ser una práctica recurrente del Estado colombiano, independiente de quien esté al frente del gobierno: desde 2016, firma de los acuerdos de paz, la cifra de líderes sociales asesinados asciende a los 1.315, y en lo que va corrido del 2022, se han asesinado a 30 líderes sociales. Según

cifras del Instituto de Estudios para el Desarrollo y la Paz -INDEPAZ- en Colombia durante el año 2020 se registraron 91 masacres con un saldo total de 381 víctimas; en 2021 se registraron 96 masacres dejando 338 víctimas y en lo que va del año 2022, se han registrado 19 masacres en las cuales han perdido la vida 82 personas; ante este caso de masacres, el negligente gobierno Duque lo único que hizo fue, a partir del uso flexible del lenguaje y los adornos semánticos, quitarle la carga política que tiene el concepto masacre y llamarlos vulgarmente “homicidios colectivos”, una forma de adornar la política de exterminio. Por otro lado, la negligencia del gobierno Duque frente a la pandemia y el retraso en el inicio de la vacunación, deja hasta el momento, 130 mil personas fallecidas por covid.

Como se puede ver, tanto Bolsonaro como Duque, los dos en su extremismo político y en su neoliberalismo a ultranza han cumplido con sus compromisos de campaña: una política de exterminio sea a través del uso de la fuerza pública o ya sea valiéndose de fuerzas privadas (paramilitarismo en el caso de Colombia; milicias en el caso brasileiro).

¿Qué se viene para el 2022? En Colombia, las diversas encuestas dan como ganador en la carrera por la presidencia de la República al senador Gustavo Petro, quien en 2018 perdió las elecciones, en las cuales quedó en el ambiente un posible fraude electoral. Petro, dentro de la Coalición Política llamada Pacto Histórico, es el candidato que en todas las encuestas aparece como ganador. Frente al favoritismo que arrojan las encuestas, por parte de las otras candidaturas se ha comenzado a formar un ‘ToconPe’ (Todos contra Petro), en donde tanto los que se presentan como de centro o de derecha, reducen sus candidaturas a atacar al candidato Petro. Han perdido la originalidad para referirse a él y lo llaman con calificativos propios del contexto de la Guerra Fría: comunista, le dicen unos; extremista, le llaman otros; expropiador, le dicen algunos. Cuando se sienten creativos, los adjetivos con los que se refieren al candidato del Pacto Histórico es: autoritario, populista; ‘castro-chavista’; debido al conflicto Rusia-Ucrania y a toda la prensa pro-OTAN, el más reciente de los calificativos con los que se refieren a Petro es: “el Putin colombiano”.



A falta de un proyecto político y de país de parte de la derecha colombiana, ya sea en su versión centro o de extrema, hacer campaña política a través de los ataques personales, del uso de adjetivos despectivos, de la creación de fantasmas y de generación de miedos se ha vuelto la práctica política de esa gente. En un país que en 2021 estuvo en un paro de 3 meses, en donde los jóvenes fueron la vanguardia de las movilizaciones y de las jornadas de protesta, la clase política de derecha –sea en su versión de centro o de extrema– fue indiferente y le dio la espalda a sus jóvenes (estigmatizando sus justas reivindicaciones y haciendo uso de la brutalidad policial para acallarlos) y además fue cómplice del ministro de defensa y de la cúpula de la policía y del ejército que con sevicia reprimieron a los jóvenes en las distintas ciudades del país.

El actual panorama político-electoral en Colombia muestra una diversidad de candidaturas. Dentro de los que se consideran de centro –o sea, la versión ‘light’ de la derecha– están los candidatos delfines políticos (Juan Manuel Galán, hijo del inmolado excandidato presidencial Luis Carlos Galán Sarmiento, y Rodrigo Lara Restrepo, hijo del exministro de justicia asesinado en 1984) que han vivido de su apellido para beneficiarse de la ‘teta’ del Estado; están también aquellos que nacieron fuera del país pero que sus padres han hecho parte de cargos importantes: Enrique Peñalosa, alcalde de Bogotá por dos periodos, nacido en Washington, y Alejandro Gaviria, exministro de salud en el gobierno Santos, nacido en Santiago de Chile, este último candidato se presenta también como académico-intelectual; está también el candidato de ‘centro extremo’, quien en 2018 prefirió ir a ver ballenas que tomar decisiones políticas a la altura del momento histórico, me refiero a Sergio Fajardo, el mismo que dijo en 2018 que si perdía la elección no volvería a ser candi-

dato, pero como se ve, él se incumple a sí mismo; dentro de esa misma vertiente considerada de centro hay figuras como la del exgobernador del departamento de Boyacá y la del senador Jorge Enrique Robledo, candidaturas que ni suenan ni truenan, como dicen las abuelas colombianas.

Dentro del espectro de la derecha –en su versión extrema y tradicional– están los candidatos Federico Gutiérrez, exalcalde de Medellín, un fanático uribista rancio y antipe-trista; está también el candidato oficial del partido del gobierno, Óscar Iván Zuluaga, exministro de hacienda del gobierno Uribe, excandidato presidencial en 2014 inmerso en el escándalo de financiación de campañas hecho por la constructora brasileña Odebrecht; está además el senador David Barguil, de origen conservador; y el exalcalde de la ciudad de Barranquilla, en la Costa Norte de Colombia, Alejandro Char, envuelto en el caso de compra de votos para elegir al Senado en 2018 a su amante Aída Merlano. Hay un candidato que se autodenomina independiente, se trata del exalcalde de Bucaramanga, Rodolfo Hernández, que en caso de quedar por fuera de la contienda en el primero turno, preferiría aliarse con candidatos de derecha que con candidatos progresista.

Dentro del espectro del progresismo de izquierda están los candidatos que conforman la Coalición Pacto Histórico, entre ellos, las candidatas Francia Márquez Mina, una líder social y ambiental de las comunidades negras y una defensora de las luchas femeninas, y Arelis Uriana, una mujer indígena perteneciente al pueblo Wayuú; está el también candidato Camilo Romero, exsenador y exgobernador del departamento de Nariño; también se encuentra el senador Gustavo Petro, exalcalde de Bogotá, excandidato presidencial en 2018 y el candidato favorito a ocupar la Casa de Nariño según las encuestas realizadas.

Independiente de la gama de candidatura, de la diversidad de las mismas, hay dos posiciones enfrentadas: de un lado –de la derecha sea en su versión de centro o de extrema- el continuismo de políticas nefastas que tiene entre la pobreza y la pobreza extrema al 57% de la población colombiana, el neoliberalismo y su agenda privatizadora, y el país de espaldas a las necesidades de su población más vulnerable. Del otro lado está el proyecto político y de país que representa la coalición del Pacto Histórico: un proyecto político y de país en donde está representada la diversidad, la plurinacionalidad y la multietnicidad que es

Colombia; un proyecto político y de país que siente las necesidades de sus poblaciones empobrecidas y vulneradas; un proyecto político y de país que propone un cambio en la matriz energética para pasar, gradualmente, de la industria carbonera y petrolífera a una producción de energías amigables con el ambiente; un proyecto político y de país que defiende a sus jóvenes, que les ofrece alternativas y otras posibilidades distintas a la guerra; un proyecto político y de país que se propone industrializar el agro, generar empleos dignos; un proyecto político y de país que propone dignificar la vida.

### Posdata:

El domingo 13 de marzo se realizarán las elecciones para Senado y para Cámara de Representantes, elecciones en las que se espera renovar el Congreso de la República, un Congreso que le ha hecho daño al pueblo colombiano; un Congreso que legisló de espaldas al pueblo y que aprobó las nefastas reformas del paquete neoliberal que el gobierno duque quiso imponer en plena crisis de pandemia. En Nuestra América la disputa en el campo político-electoral no debe reducirse sólo al hecho de ganar la presidencia, debe ampliarse al hecho de ganar las mayorías en el Congreso, pues en algunos países de la región –caso Honduras 2009, Paraguay 2012 y Brasil 2016- se ha usado la nueva modalidad de golpe: el golpe parlamentario.

En el caso colombiano, el Congreso –en sus dos Cámaras: Cámara Alta, Senado, y Cámara Baja, Cámara de Representantes- se compone en su mayoría por representantes de las élites políticas regionales, por los hijos, nietos, hermanos y esposas de los gamonales políticos, o por los representantes de emporios empresariales y de multinacionales y por ello, en el ejercicio legislativo, estos Senadores o Representantes a la Cámara legislan en favor de sus intereses de clases: en favor de una minoría enriquecida y en contra de las mayorías empobrecidas.

El domingo 13 de marzo también se medirán el pulso las tres coaliciones políticas para elegir a su candidato presidencial. El Pacto Histórico –coalición de izquierda- y las coaliciones de la derecha en su versión centro y de extrema: Equipo por Colombia –más de extrema- y Centro Esperanza –la derecha pasteurizada-.



Foto de valla candidatura presidencial 2018 del candidato Iván Duque y su fórmula vicepresidencial.



Foto de valla candidatura presidencial 2018 del candidato Iván Duque y su fórmula vicepresidencial.



Foto: valla con marketing político del partido centro democrático, el partido de gobierno, año 2022.



## "Es el Putin colombiano": Coalición Equipo por Colombia arremete contra Gustavo Petro

Febrero 28, 2022 - 07:52 a.m. |

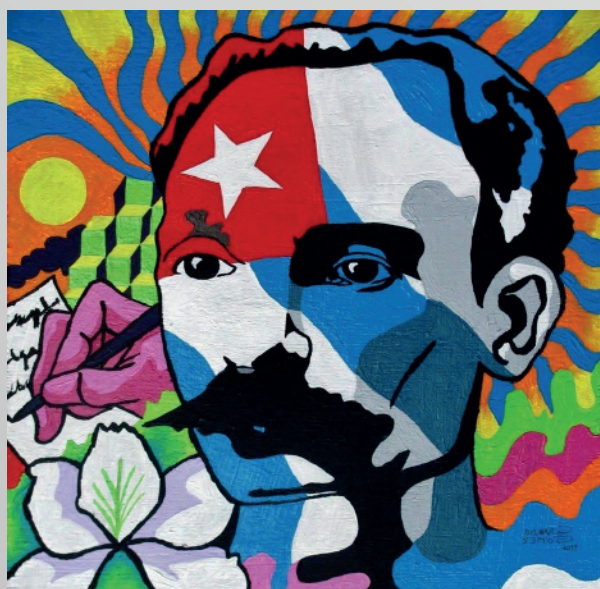
Por: Colprenso



Noticia en la sesión de Política del portal web del diario El País. Disponible en:

<https://www.elpais.com.co/politica/es-el-putin-colombiano-coalicion-equipo-por-colombia-arremete-contra-gustavo-petro.html>

Lucas Vargas – colombiano e doutorando na UnB.



## CUMPLEAÑOS DE JOSÉ MARTÍ

*Com profundas raízes martianas hoje nos consideramos e acreditamos que somos marxistas.*



Haydee Santamaria<sup>2</sup>

Com todas as credenciais, o escritor cubano José Martí se revela como uma das personalidades do pensamento mais avançado do século XIX.

Nascido em 28 de janeiro de 1853, em La Habana, dedicou sua vida e obra de pensador e humanista universal ao bem estar dos povos, à sua emancipação e à justiça como pilares fundamentais de equilíbrio do mundo. A vigência do seu ideário se expressa no combate à guerra imperialista dos Estados Unidos contra Cuba.

Uma de suas facetas mais impressionantes se revela em “Abdalla”, poema épico no qual aludiu de forma velada aos acontecimentos em Cuba e aos ânimos de luta dos seus compatriotas. Escrito ainda jovem, quando contava apenas 15 anos de idade, os versos testemunham um Martí politicamente maduro e vanguardista:

*Morrer! Morrer quando Nubia luta; quando o nobre sangue se derrama dos meus irmãos, mãe; quando espera das nossas forças, liberdade a pátria.*

Devido à sua agitada militância anticolonial no meio estudantil, foi deportado para Espanha aos 17 anos de idade (1871-1874). Após frutífera estadia no México (1875-1876), se estabeleceu na Guatemala (1877-1878) para, em poucos meses, retornar à terra natal. Sendo novamente deportado de Cuba, radicou-se por algum tempo em Caracas (1881).

Na época de militância política e intelectual de Martí, as guerras e ambições eram protagonizadas pelo império espanhol. Porém, ele já advertia em seu clássico ensaio, “Nuestra América”, publicado em 1891 nas páginas da “Revista Ilustrada de Nova Iorque”, os perigos que representavam a nascente potência nortenha para a região:

*O perigo maior da nossa América é o desdém do vizinho formidável, que não a conhece; e urge, porque o dia da visita está próximo, que vizinho a conheça, a conheça logo, para que não a desdenhe<sup>3</sup>.*

<sup>2</sup> Haydee Santamaria (1922-1980), heroína do assalto ao Quartel de Moncada (1953) e primeira presidente da Casa das Américas.

Martí viveu quinze anos nos Estados Unidos (1881-1895), em Nova Iorque, e desenvolveu atividades educativas. Pelo seu intenso trabalho de articulação política junto aos núcleos de emigrados revolucionários cubanos e porto-riquenhos lhe seria dado, em vida, os qualificativos de *Apóstolo* e de *Maestro*. Eram tempos em que ocorriam transformações que marcariam o caráter beligerante e anexionista do império norte-americano, momento este caracterizado por ele em carta ao amigo mexicano, Manuel Mercado: *Vivi no mostro e conheço suas entranhas*.

Catorze anos depois do assalto ao quartel de Moncada, uma das protagonistas daquela façanha (1953), Haydee Santamaria disse:

*Ali [no Moncada] fomos sendo martianos. Hoje somos marxistas e não deixamos de ser martianos, porque não há contradição nisso, pelo menos para nós. Ali fomos com as ideias de Martí, com as ideias de Lenin, com as ideias de Marx, com as ideias de Bolívar, com a revolução de Bolívar, com a revolução de Che; com a direção de Martí, com a doutrina de Marx e com Bolívar, com o continente que Bolívar quis unir! Com profundas raízes martianas hoje consideramos e acreditamos que somos marxistas!*

Em seu ensaio “Martí e a Revolução Cubana” (2013) Frei Beto tece comentários sobre a estadia nova-iorquina:

*Ao mesmo tempo que lhe possibilitou o contato com o que havia de mais avançado no pensamento filosófico, científico e espirituais, na sociedade norte-americana Martí constatou o que significa desenvolvimento econômico centrado na apropriação privada da riqueza, independente das diferentes necessidades humanas, e como essa concepção egocêntrica limitava a vida espiritual.*

Em 22 de dezembro de 1972, no ato comemorativo ao cinquentenário de fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o Comandante em Chefe, Fidel Castro Ruz, foi enfático:

*José Martí, guia e apóstolo de nossa guerra de independência contra a Espanha, nos ensinou esse espírito internacionalista que Marx, Engels e Lenin confirmaram na consciência do nosso Pueblo. Martí pensava que “pátria é humanidade”, e nos traçou uma imagem de América Latina unida, frente à outra América imperialista e soberba, “revoltada e brutal” – como ele dizia -, que nos depreciava.*

<sup>3</sup> Martí, José. Nossa América = Nuestra América / José Martí, p. 32, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2011.

A cientista política russa, Veronica Krasheninnikova, afirmou:

*José Martí representa um símbolo da luta pela independência dos povos da América Latina e vanguarda do pensamento do século XIX.*

Para o contista, novelista e músico cubano Alejo Carpentier (1904-1980), Martí representava o *mais autêntico precursor da Revolução Cubana*. Para Frei Beto

*Sua luta plantou as raízes que floresceram o projeto de soberania e libertação nacional, com uma expressiva ressonância internacionalista, levado a cabo pelo povo cubano nas seis últimas décadas, sob a liderança de Fidel Castro. Graças a Martí a Revolução Cubana preservou sua cubanidade, sua originalidade, sem se deixar levar por conceitos dogmáticos.*

Na celebração do 170º aniversário do Herói Nacional de Cuba, apesar da pandemia de saúde pública e da crise do capitalismo em escala global, que põem em risco a resistência da humanidade, agrava a degradação ambiental, afronta a democracia, a soberania dos povos e, sobretudo a paz; a chama martiana estimula e reacende o espírito de luta conjunta dos povos da América Latina e do Caribe contra o hegemonismo imperial capitaneado pelos Estados Unidos da América:

*As árvores deveram se colocar em fileira, para que não passe o gigante das sete léguas! É a hora da avaliação e da marcha unida, e temos que andar em quadrado, como a prata nas raízes dos Andes <sup>4</sup>*

*José Martí morreu de armas em punho no dia 19 de maio de 1895, aos 42 anos de idade, na Batalha de Dois Rios, ocorrida na região oriental de Cuba. No dia anterior a sua partida, o Maestro havia escrito uma carta inconclusa ao dileto amigo Manuel Mercado:*

*Já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever – uma vez que o assim entendo e tenho ânimo para realizá-lo – de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se alastrem pela Antilhas e caiam, com essa força a mais, sobre nossas terras de América. Tudo que fiz até hoje, fiz e farei, é para isso <sup>5</sup>*

*Por fim, pode se dizer que a obra revolucionária de José Martí é sintetizada per si nas seguintes palavras: Trincheira de ideias vale mais do que trincheira de pedras.*

Fernando Mousinho. Sociólogo e pós-graduado em Planejamento Energético para Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB).

<sup>4</sup> Martí, José. P. 13. Idem.

<sup>5</sup> Martí, José. Nossa América. Tradução de Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983. P: 195-201. (Texto Original de 1891).

# ISRAEL ATURDIDO PELOS NEO-NAZIS UCRANIANOS

*Thierry Meyssan\**

A presença organizada pelo Estado de neo-nazis no seio do Exército ucraniano não é anedótica, mesmo não sendo possível quantificá-la de maneira precisa. Já, pelo contrário, é fácil quantificar as suas vítimas. Perante a indiferença geral, eles mataram 14. 000 Ucrânicos em oito anos. Esta situação é uma das causas da intervenção militar russa na Ucrânia. Israel vê-se confrontado pela primeira vez com aquilo que jamais podia imaginar : o apoio do seu protector EUA ao seu inimigo histórico, o nazismo.



REDE VOLTAIRE | PARIS (FRANÇA) | 8 DE MARÇO DE 2022

Israel está confrontado com um problema inesperado face à crise ucraniana : é verdade, tal como pretende Moscovo (Moscou-br), que o país está nas mãos de um « bando de neo-nazis » financiado por judeus ucranianos e norte-americanos ? Se sim, é um dever moral para Telavive clarificar a sua posição sobre os judeus que apoiam nazis, independentemente qualquer outra tomada de posição sobre a crise ucraniana.

A questão é tanto mais cruel quando os poucos judeus norte-americanos que apoiam, ou instrumentalizam, os grupos nazis ucranianos são um grupúsculo de uma centena de pessoas, os Straussianos, actualmente no Poder no círculo imediato do Presidente Joe Biden.

## QUE REPRESENTAM OS NEO-NAZIS UCRANIANOS ?

Em Fevereiro de 2014, a « revolução da dignidade », dita também « EuroMaidan », foi uma mudança de regime patrocinado pela straussiana Victoria Nuland, adjunta dos Secretários de Estado John Kerry e Hillary Clinton. Neste contexto, um grupo de hooligans apoiantes do clube de futebol de Kharkiv, a « Seita 82 », ocupou os locais da governação do oblast e espancou os funcionários do anterior regime.

Tornado Ministro do Interior, Arsen Avakov, que havia sido governador de Kharkiv durante o anterior regime e um dos organizadores do Euro



2012, autorizou a formação de uma força paramilitar de 12. 000 homens, em torno dos hooligans da « Seita 82 » para defender a « revolução ». Em 5 de Maio de 2014, o « Batalhão Azov » ou « Corpo do Leste » era oficialmente constituído sob o comando de Andriy Biletsky. Este, chamado o « führer branco », é um teórico do nazismo. Tinha sido o líder dos « Patriotas da Ucrânia », um grupúsculo neo-nazi partidário de uma Grande Ucrânia e violentamente anti-comunista.

Andriy Biletsky e Dmitro Yarosh fundaram juntos o « Sector Direito » (Pravyi Sektor -ndT) que jogou o papel principal na Praça Maidan, em 2014. Esta estrutura, abertamente anti-semita, homofóbica, era financiada pelo padrinho da máfia ucraniana, o multi-milionário (bilionário-br) judeu Ihor Kolomoïsky. No plano internacional, o « Sector Direito » é violentamente oposto à União Europeia e entende, pelo contrário, formar uma aliança de Estados da Europa Central e do Báltico, o Intermarium. Coisa que funciona, já que é também o projecto dos Straussianos, os quais, desde o Relatório Wolfowitz de 1992, consideram a União Europeia como um rival para os EUA mais perigoso que a Rússia. Estarão, por certo, lembrados da conversação telefónica interceptada entre V. Nuland e o embaixador dos EUA, onde ela se gabava que ia « dar no cú à União Europeia » (sic).

Dmitro Yarosh é um agente das redes stay-behind (de retaguarda-ndT) da OTAN que organizou com o emir Doku Umarov um Congresso anti-russo em Ternopol, em 2007, sob o olhar atento de Victoria Nuland, que à época era embaixatriz dos Estados Unidos na OTAN. Yarosh reuniu neo-nazis de toda a Europa e islamistas do Médio-Oriente para travar a jiade na Chechénia contra a Rússia. A seguir, ele foi o chefe do « Tridente de Stepan Bandera » (dito « Tryzub »), um grupúsculo que glorificava o Colaboracionismo ucraniano com os nazis. Segundo Stepan Bandera, os Ucranianos autênticos são de origem escandinava ou proto-germânica, infelizmente misturaram-se com os eslavos, os Russos, os quais devem combater e dominar. Nos fins de 2013, os homens de Yarosh e jovens de um outro grupo nazi foram treinados em combates de rua por instrutores da OTAN na Polónia. Fui muito criticado quando revelei este assunto porque tinha citado um jornal satírico numa nota, no entanto o Procurador-Geral (Promotor-br) da Polónia abriu uma investigação que, claro, nunca teve sucesso porque teria implicado o Ministro da Defesa [1].



No Verão de 2014, o Batalhão Azov incluía já todos estes grupos neo-nazis, e não só. Foram enviados para combater os rebeldes de Donetsk e de Lugansk, o que eles fizeram com prazer. O seu soldo foi aumentado atingindo o dobro do dos soldados regulares. O Batalhão tomou a cidade de Marinka à autoproclamada República popular de Donetsk onde massacróu os «separatistas».

Em Setembro de 2014, o Governo Provisório encarregou a Guarda Nacional de absorver o Batalhão Azov e afastar alguns líderes nazis da formação.

Nas eleições de Outubro de 2014, dois antigos chefes nazis do Regimento Azov, Andriy Biletsky e Oleh Petrenko, foram eleitos para a Rada (Assembleia Nacional). Enquanto o «führer branco» ficou sozinho, Petrenko juntou-se ao grupo parlamentar que apoiava o Presidente Petro Poroshenko. O Batalhão Azov tornou-se então o Regimento Azov da Guarda Nacional.

Em Março de 2015, o Ministro do Interior (ainda Arsen Avakov) acordou com o Pentágono que o treino militar do Regimento Azov fosse dado pelas Forças Especiais dos EUA, no quadro da Operação Guardiã sem Medo (Operation Fearless Guardian). Mas, de imediato os Representantes John Conyers Jr. (Democrata, Michigan) e Ted Yoho (Republicano, Florida) denunciaram a insensatez. Argumentaram que armar os islamistas no Afeganistão tornara possível a formação da Alcaida e a generalização do terrorismo. Eles convenceram os seus colegas que os Estados Unidos não podiam treinar neo-nazis sem arriscar vir a pagar as consequências um dia. Os deputados interditaram, portanto, o Pentágono de prosseguir e de armar o Regimento Azov com lança-foguetes (MANPAD) durante a votação do orçamento da Defesa [2]. No entanto o Pentágono voltou à carga e conseguiu fazer retirar a emenda [3], levantando os protestos do Centro Simon Wiesenthal.

No decurso deste período, o Senador John McCain (Republicano, Arizona), partidário do apoio aos inimigos da Rússia, depois de ter estabelecido laços com os chefes da Alcaida e do Daesh (E.I.), na Líbia, no Líbano e na Síria [4], visita uma unidade do Regimento Azov, Dnipro-1. Ele felicitou calorosamente estes bravos nazis que desafiam a Rússia como antes havia felicitado os bravos jihadistas.

Foi nesse momento que o Regimento Azov recrutou no estrangeiro. Vieram de todo o Ocidente, nomeadamente do Brasil, da Croácia, da Espanha, dos Estados Unidos, da França, da Grécia, da Itália, da Eslováquia, da R. Checa, da Escandinávia, do Reino Unido e da Rússia. Ora, os Acordos de Minsk, dos quais a Alemanha e a França são os garantes, interditam formalmente às autoridades de Kiev incorporar mercenários estrangeiros. O Regimento Azov também organizou campos de juventude para 15. 000 adolescentes e de associações para os civis de modo que o total do Regimento compreendia cerca de 10. 000 homens e pelo menos duas vezes mais « simpatizantes ». Andriy Biletsky podia declarar que o Regimento tinha por missão histórica unir « as raças brancas do mundo numa última cruzada para a sua sobrevivência [...] uma cruzada contra os sub-humanos dirigidos pelos judeus ».

Dois relatórios do Príncipe Zeid Raad al-Hussein, na qualidade de Alto-Comissário das Nações Unidas para os Direitos do Homem dão a medida dos crimes de guerra cometidos pelo Regimento Azov [5].

Em 2017, uma delegação oficial da OTAN, incluindo oficiais dos Estados Unidos e do Canada, voltou a encontrar-se oficialmente com o Regimento Azov.

Inúmeros média (mídia-br) consagraram reportagens aos grupos neo-nazis ucranianos. Todos, sem excepção, ficaram horrorizados pela ideologia e a violência do Regimento Azov. A título de exemplo, o Huffington Post avisava contra a condescendência dos responsáveis políticos ucranianos num artigo intitulado : « Nota à Ucrânia : Parem de branquear o dossiê político » [6].

Em 2018, o FBI entrou novamente em conflito com a CIA. Desta vez a propósito de neo-nazis americanos que se haviam treinado junto do Regimento Azov e tinham voltado para perpetrar violências em solo americano. O inimigo do interior que é o Movimento para a Supremacia (Rise Above Movement) fora treinado pela CIA na Ucrânia [7].

Após os atentados de Christchurch (Nova-Zelândia), que causaram 51 mortos e 49 feridos, em Outubro de 2019, 39 membros da Câmara dos Representantes dos EUA escreveram ao Departamento de Estado para exigir que o Regimento Azov fosse qualificado de « organização terrorista estrangeira » (FTO) já que o terrorista tinha frequentado a organização ucraniana.

Em 2020, o bilionário Erik Prince, fundador do exército privado Blackwater, subscreveu diversos contratos com a Ucrânia. Um deles deu-lhe toda a latitude para enquadrar o Regimento Azov. A termo, Prince esperava tomar o controle da indústria de armamento ucraniana herdada da União Soviética [8].

Em 21 de Julho de 2021, o Presidente Zelensky promulgou uma lei sobre os « povos autóctones ». Ela reconhece o gozo dos Direitos do Homem e dos Cidadãos e das Liberdades Fundamentais apenas aos ucranianos de origem escandinava ou germânica, mas não aos de origem eslava. Foi a primeira lei racial adoptada na Europa desde há 77 anos.

A sugestão de Victoria Nuland, em 2 de Novembro de 2021, o Presidente Volodymyr Zelensky nomeou Dmitro Yarosh, conselheiro do Comandante-em-Chefe das Forças Armadas ucranianas, o General Valerii Zaluzhnyi, com a missão de preparar o ataque ao Donbass e à Crimeia. É importante ter em mente que Yarosh é nazi, enquanto Victoria Nuland e Volodymyr Zelensky são judeus ucranianos (de origem para Nuland, que é agora norte-americana).

Em oito anos, desde a mudança de regime até a operação militar russa não incluída, os neonazistas na Ucrânia mataram pelo menos 14.000 ucranianos.

## O DESAFIO MORAL DE ISRAEL

O Presidente Zelensky respondeu ao seu homólogo russo, que denunciou um « gangue de neo-nazis » no Poder em Kiev, que tal era impossível uma vez que ele era judeu. Como se isso não bastasse, no sexto dia do conflito, acusou a Rússia de ter bombardeado o memorial de Babi Yar, onde 33.000 judeus foram massacrados pelos nazis. Portanto, não só ele não apoiaria os nazis, como os Russos apagavam os crimes deles.

Sem esperar, o Memorial Yad Vashem, a instituição israelita que mantém a memória da « solução final da questão judaica » pelos nazis, explodiu com um comunicado de imprensa irado. Parecia ultrajante aos Israelitas que a Rússia comparasse a extrema-direita ucraniana com os nazis do Holocausto e mais ainda que ela bombardeasse um lugar de memória.

Foi então que jornalistas israelitas foram ao local do crime para verificar que nunca havia sido bombardeado. O Presidente ucraniano tinha mentido. A seguir, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Preskov, convidou o Memorial Yad Vashem a enviar uma delegação à Ucrânia para constatar de visu, sob a proteção do Exército russo, do que é que o Presidente Putin fala.

Seguiu-se um enorme silêncio. E se o Kremlin, tal como antes o Centro Simon Wiesenthal, falasse a verdade ? E se os judeus Straussianos nos Estados Unidos, o chefe judeu ucraniano Ihor Kolomoïsky e o seu empregado, o Presidente judeu Volodymyr Zelensky, trabalhassem com verdadeiros nazis ?

De imediato, o Primeiro-Ministro israelita, Naftali Bennett, visitou Moscovo e a seguir recebeu o Chanceler Scholtz em Telavive, depois telefonou ao Presidente ucraniano, de quem todos haviam podido constatar a má fé. Apresentado como uma enésima tentativa de paz, esta viagem tinha na realidade por único fim saber se sim ou não os Estados Unidos se apoiavam sobre verdadeiros nazis. Desorientado, face às suas descobertas, Bennett lembrava o afirmado pelo Presidente Putin que ele havia deixado na véspera. Telefonou assim a diversos chefes de Estados membros da OTAN.



Seria desejável que Naftali Bennett tornasse público o que verificou, mas é pouco provável. Teria que abrir um dossiê esquecido, o das relações entre certos sionistas e os nazis. Por que é que David Ben-Gurion afirmava que Ze'ev Jabotinski, o fundador do sionismo revisionista, era um fascista e talvez um nazi ? Quem foram os judeus que acolheram calorosamente antes da chegada de Adolf Hitler ao Poder uma delegação oficial do Partido nazi, o NSDAP, na Palestina, enquanto praticava pogroms na Alemanha?

Quem negociou em 1933 o acordo de transferência (dito « Acordo Haavara ») e manteve um escritório em Berlim até 1939 ? Tantas perguntas que os historiadores deixam habitualmente sem resposta. E, hoje em dia, é exacto, como pretendem muitas testemunhas, que o Professor Leo Strauss ensinava aos seus alunos judeus que deviam construir a sua própria ditadura, com os mesmos métodos que os nazis, para se protegerem de uma nova Shoah (Holocausto -ndT) ?

Claramente, Naftali Bennett não acreditou na narrativa da Ucrânia e da OTAN. Ele declarou que o presidente russo não era um teórico de complôs, não era irracional e não sofria de nenhuma doença mental. Pelo contrário, interrogado sobre o apoio do Estado judaico, o Presidente Zelensky respondeu: « Falei com o Primeiro-Ministro de Israel. E digo-vos com franqueza, e isto pode parecer um pouco insultuoso, mas acho que devo dizê-lo : as nossas relações não são más, não são más de todo. Mas, as relações são postas à prova em momentos como estes, nos momentos mais difíceis, quando a ajuda e o apoio são necessários. E não acho que ele [Bennett] se tenha envolvido na nossa causa ».

Israel deverá retirar-se do conflito ucraniano. Se mudar subitamente de opinião, sobre um ou outro assunto, e entrar em conflito com Washington sabereis porquê.

Thierry Meyssan – jornalista francês.

Texto publicado no portal Voltairenet.org <https://www.voltairenet.org/article215896.html>

Tradução - Alva

[1] «Vladimir Putin en guerra contra los “straussianos”», por Thierry Meyssan, Red Voltaire, 5 de marzo de 2022.

[2] «Ucrania: Polonia entrenó a los golpistas 2 meses antes de Maidan», por Thierry Meyssan, Red Voltaire, 18 de abril de 2014.

[3] «U.S. House Passes 3 Amendments By Rep. Conyers To Defense Spending Bill To Protect Civilians From Dangers Of Arming and Training Foreign Forces», John Conyers Jr., 11 de junio de 2015.

[4] «Congress Has Removed a Ban on Funding Neo-Nazis From Its Year-End Spending Bill», James Carden, The Nation, 14 de enero de 2016.

[5] «John McCain, el organizador de la “primavera árabe” y el Califa», por Thierry Meyssan, Red Voltaire, 18 de agosto de 2014.

[6] Report on the human rights situation in Ukraine 16 November 2015 to 15 February 2016 y Report on the human rights situation in Ukraine 16 February to 15 May 2016, Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights, febrero y noviembre de 2016.

[7] “Note to Ukraine: Stop Whitewashing the Political Record”, Nikolas Kozloff, Huffington Post, 25 de marzo de 2015.

[8] USA vs Robert Rundo, Robert Boman, Tyler Laube and Aaron Eason, Central District of California, 20 de octubre de 2018.

[9] “Exclusive: Documents Reveal Erik Prince’s \$10 Billion Plan to Make Weapons and Create a Private Army in Ukraine”, Simon Shuster, Time, 7 de julio de 2021.

# O CENTENÁRIO DO PCB

## De onde viemos para onde vamos

---

Por João Rabello Alvim



No dia 25 de março de 1922, em uma pequena casinha na cidade de Niterói, reuniu-se pela primeira vez um grupo de sindicalistas que, a partir de então, transformariam radicalmente a história brasileira. A fundação do PCB (naquela época Partido Comunista do Brasil) representou um marco organizativo para os trabalhadores no Brasil. Pela primeira vez na história do país a classe trabalhadora se vê representada por um partido que é seu. Que defenderá seus interesses e, nas palavras de um certo Vladimir, nos permitirá tomar os céus de assalto.

O contexto de 1922 é de efervescência política e cultural, no Brasil se realizou a semana de arte moderna de 1922, capitaneada por intelectuais que, eventualmente, em sua grande parte, iriam se organizar nas fileiras do partido. O clima político de insatisfação com a oligarquia vigente começava a crescer na vanguarda da classe trabalhadora urbana que, até então, engatinhava nos primeiros passos de uma trajetória de lutas. Apenas cinco anos antes, realizava-se a greve geral de 1917, estopim para a organização política do proletariado nacional. Desse caldeirão de acontecimentos que os setores mais organizados do movimento social, inspirados pela gloriosa revolução de outubro, lêem as 21 condições da internacional comunista e iniciam a história do movimento comunista em nosso país.

O nascimento do PCB veio acompanhado do surgimento de diversas organizações populares e revolucionárias ao redor do globo. A vitória dos bolcheviques na antiga Rússia czarista mostrou para todos que o socialismo não necessariamente virá do “centro do mundo”, mas pode surgir sim da periferia, das regiões mais remotas e subjugadas. A organização da internacional comunista (Comintern) nos anos 20, ao mudar o slogan do manifesto comunista de Marx de “Proletários do mundo, uni-vos!” para “Proletários e povos oprimidos do mundo, uni-vos!”, armou a classe trabalhadora e o terceiro com seu papel de agente pela primeira vez em muito tempo. Fenômeno esse que não excluiu a América Latina nem o Brasil.



No dia 25 de março de 1922 o PCB oficialmente adere às 21 condições (documento produzido pela Comintern no qual são enumerados os requisitos políticos para um partido comunista integrar a internacional). Assegurando que o partido seguirá a linha política unificada de todos os demais partidos comunistas ao redor do globo, lutando contra a exploração do ser humano pelo ser humano. Internacionalista em sua gênese, nasce um PCB que reconhece o Brasil pelas suas belezas e contradições. Seus potenciais e principais problemas a serem superados, a partir da aplicação criativa do método de organização marxista-leninista.

Falar do PCB é relembrar a história do Brasil em seus momentos mais dramáticos, relembrar o poder da classe trabalhadora e de todos aqueles que lutam e lutaram pelos seus interesses. Em diversos momentos da história pode-se observar o comportamento do partido por diversos vieses e sob a luz do tempo, observar e discutir os erros cometidos. Mas entre erros e acertos, o PCB é um partido que por toda a sua história manteve-se lado a lado com a classe trabalhadora. Essa história pode ser resumida nas palavras do poeta Ferreira Gullar:

Eles eram poucos. E nem puderam cantar muito alto a Internacional. Naquela casa de Niterói em 1922. Mas cantaram e fundaram o partido. Eles eram apenas nove, o jornalista Atrogildo, o contador Cordeiro, o gráfico Pimenta, o sapateiro José Elias, o vassoureiro Luís Peres, os alfaiates Cendon e Barbosa, o ferroviário Hermogênio. E ainda o barbeiro Nequete, que citava Lênin a três por dois. Em todo o país eles eram mais de setenta. Sabiam pouco de marxismo, mas tinham sede de justiça e estavam dispostos a lutar por ela. Faz sessenta anos que isso aconteceu, o PCB não se tornou o maior partido do ocidente, nem mesmo do Brasil. Mas quem contar a história de nosso povo e seus heróis tem que falar dele. Ou estará mentindo.

Festejar o centenário do PCB, ainda mais numa conjuntura tão acirrada quanto a atual, não é simplesmente comemorar a fundação de um partido qualquer de maneira corporativista, é revindicar os 100 anos de história da organização do movimento comunista no Brasil. Significa reconhecermos a imensa história de luta que trilhamos até aqui e encararmos de frente o que devemos fazer para encontrar um futuro brilhante. O centenário do Partido Comunista representa um marco na real história do nosso país, àquela que é escrita pelo nosso povo e não pelos poderosos, por isso saudamos!

VIVA O PCB  
VIVA O SOCIALISMO  
VIVA O BOLCHEVISMO  
VIVA O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO  
VIVA A AMIZADE ENTRE OS POVOS

\*João Rabello Alvim, militante do PCB e do Comitê anti-imperialista general Abreu e Lima.



## UM ENSAIO SOBRE O IDENTITARISMO

Por Susy de San Antonio\*

Certa vez, adolescente, fui a um seminário do Inverta, na Uerj, sonhando que um dia me chamariam para escrever no jornal. Em outro momento, vez, ainda adolescente, trabalhei distribuindo panfletos na eleição que o Lula ganhou e fui incumbida de distribuir para a campanha da Jandira Feghali também. Foi quando me deparei com um dos filhos do inominável fazendo boca de urna no dia da eleição! Eram tempos, onde, muitos de nós, jamais pensaríamos que existisse 20% que apoiaria o fascismo, e então aponte para a camiseta do Che Guevara que eu vestia. Encontrei-o na mesma sessão de votação, porque afinal, o bairro da Tijuca sempre foi uma aldeia. Seu próprio nome é indígena. Era um tempo em que o machismo era machismo e dava para identificá-lo facilmente, portanto, a louca era eu. Era um tempo em que eu regressava de Havana e dizia a todos que estava na casa de cubanos, que não existia ditadura nenhuma em Cuba.

A inocência é linda. Diferentemente da ingenuidade, que muitas vezes te imbeciliza, o sabor da inocência tem vida, fé, todas as cores.

Qual o exato momento em que a perdemos? Eu não sabia, mas hoje percebo quando foi o estopim disso tudo. Alguns podem chamar de maturidade. Eu não. Ainda não sei qual o nome dessa perda - que parece não ter um ganho - como todas as outras que preenchem o vazio de um apego perdido com outra coisa.

Mas não tem outra coisa. Só tem coisas. A verdade é que a minha insatisfação com o que chamam de "mundo de verdade" vem numa ordem crescente como a Lua na fase que migra para a cheia. Não é de agora. Mas parece que o fundo do poço não tem fim. E a verdade é que não tem mesmo.



Até as lutas sociais, que outrora as pessoas se identificavam, hoje, são escudos para esconder o oportunismo e a mesquinhez humana. Não generalizo, mas explico: as questões levantadas a respeito de gênero, etnia ou sexualidade são promoções bem-vindas em sociedades que elegem fascista. É um paradoxo? Não creio.

Qual a relevância do gênero neutro dentro da Língua Portuguesa se o mesmo já existe ("personagem", por exemplo) dentro dela? A militância, por vezes, lembra o acadêmico Houaiss que eliminou a trema do idioma e quem teve de lidar com isso foram as professoras de educação infantil em salas de aula.

A palavra não é somente a descrição para algo, é uma ferramenta. E a língua não muda por imposição. Pessoalmente sou a favor da letra "e" para designar um gênero neutro, inclusive, deve-se contribuir com a Literatura para tal. Escreva um poema, uma prosa, um romance e utilize-se destes artifícios. Mas a mudança no linguajar corriqueiro ocorre de forma orgânica, natural, assim como "você" veio de "vancê", que tem sua origem em "vosmecê" advindo de "vossa mercê".

Sou completamente contra a eliminação dos artigos "a" e "o" e a negação da História da Literatura. Da mesma forma que defendi a introdução da Literatura Africana de língua portuguesa em salas de aula, sempre fui contra os que desejavam exterminar a Literatura Portuguesa dentro dela.

Introduzir uma nova gramática que tem como base filosófica o expurgo da história do idioma não tem nada de libertário. Chamar de opressor aqueles que se identificam com seu gênero biológico, ou mesmo subdividir em categorias, como "cis" e "trans", retira os direitos conquistados ao longo dos séculos com muita luta e sangue. Quem está em busca de sua própria identidade, deve fazê-lo, mas não impor isso aos demais. Exclusão com inclusão não é inclusão nenhuma. A verdade é que agindo de tal maneira, todos alimentam a besta.

Note que em certas ocasiões, a falta de entendimento de boa parte da população com relação a pautas que não fazem parte do dia a dia dela, a aproximam de certos líderes que outrora seria quase impossível. Então pensem na sociedade como um todo, nos séculos que formaram inconscientes coletivos que não serão derrubados com estratégias onde qualquer frase dita será analisada por pessoas que desejam combater o preconceito (enquanto todos nós nutrimos outros). Todo mundo sabe que os governos no Brasil adotaram a economia de mercado, entendendo sobre isso ou não. No Brasil, dizer que um governo é de esquerda tem muito mais ligação com questões pontuais do que com sistema econômico: a porcentagem de cotas, a bolsa família (adotada em outros países), são exemplos fáceis para os leigos identificarem o que chamam de "esquerda" no país.

Quando parte da sociedade começa a normatizar a perseguição sem medidas a qualquer termo ou frase utilizada, o preconceito em si, não é combatido, pois tudo vira racismo, machismo, homofobia, gordofobia, transfobia.

Além disso, quando a agenda dos movimentos sociais entra na pauta do governo, precisa ser feita de forma educativa, daí ela vem espontaneamente, como a língua.

De que adianta o respeitado Houaiss ter defendido a mudança ortográfica dizendo que isso aproximaria Portugal/África/Brasil, dentro de um discurso onde ele e outros intelectuais colocavam Portugal como o grande opressor, se isso não estava na boca do povo? E se posteriormente as professoras alfabetizadoras são as que foram desalinhadas dentro dos seus programas educativos? Para quem não está na linha de frente é fácil defender isso.

Ninguém vai conseguir obrigar os outros a achar certo o que você pensa invadindo sala de aula para falar ao branco sobre racismo. O máximo que conseguirá é que o achem mal educado e sem noção, enquanto existem negros brilhantes que podem discursar a respeito e o estudante que teve a sua aula interrompida já criou ojeriza a qualquer assunto sobre o tema. O respeito e a segurança sim, isso tem que ser obrigação e o Estado tem o dever de zelar por isso.

Agora parem e repensem se muitos não estão utilizando táticas antigas opressoras. Sim, Paulo Freire! Vou citá-lo e quem não gostar, lide com isso.

"É um problema quando o sonho do oprimido é tomar o lugar do opressor".

A questão é que se o indivíduo sente o gostinho do poder, vai mostrando os seus piores lados também. E isso ocorre com muitos representantes de movimentos quando começam a ganhar força. Por que alguém é obrigado a dizer que não tem gênero para entrar na ordem do dia? Aí o artista que sempre transitou pelos gêneros dentro do palco vira homofóbico da noite pro dia (Ney Matogrosso)? Não tem coerência.

Por que eu, como mulher e feminista, não posso escrever e gostar do sexo masculino? Estou colaborando com séculos de opressão ou são os que desejam levar a política para a cama que estão? Por que o sagrado feminino que eu nunca separei da mente-corpo virou um ataque às mulheres trans? Sim, mulheres ditas "cis" menstruam, tem câncer de ovário, vai fazer o quê? Isso nada diminui mulheres trans de se sentirem mulheres, mas subjugar o seu corpo e o de outras pessoas é eliminá-las de qualquer discussão.

Se continuarem seguindo com atitudes onde o ignorante (e o não ignorante também) sente o seu "eu lírico" oprimido vocês ajudarão as bestas a se elegerem cada vez mais. Eras injustas criam movimentos libertários, ainda bem, mas a fiscalização da individualidade alheia como vem ocorrendo há algum tempo faz tudo voltar a estaca zero e eleger fascistas que não entendem de nada e só ficam repetindo o que a massa quer escutar, ou seja, que vai pôr "ordem na casa".

O mundo já viu essa história diversas vezes e continua acontecendo.

Susy de San Antonio – poeta carioca e ativista cultural latino-americana.

## CONVOCAÇÃO À LUTA PELO DIREITO DE ESCOLHER GESTAR - UMA CAUSA SOCIALISTA

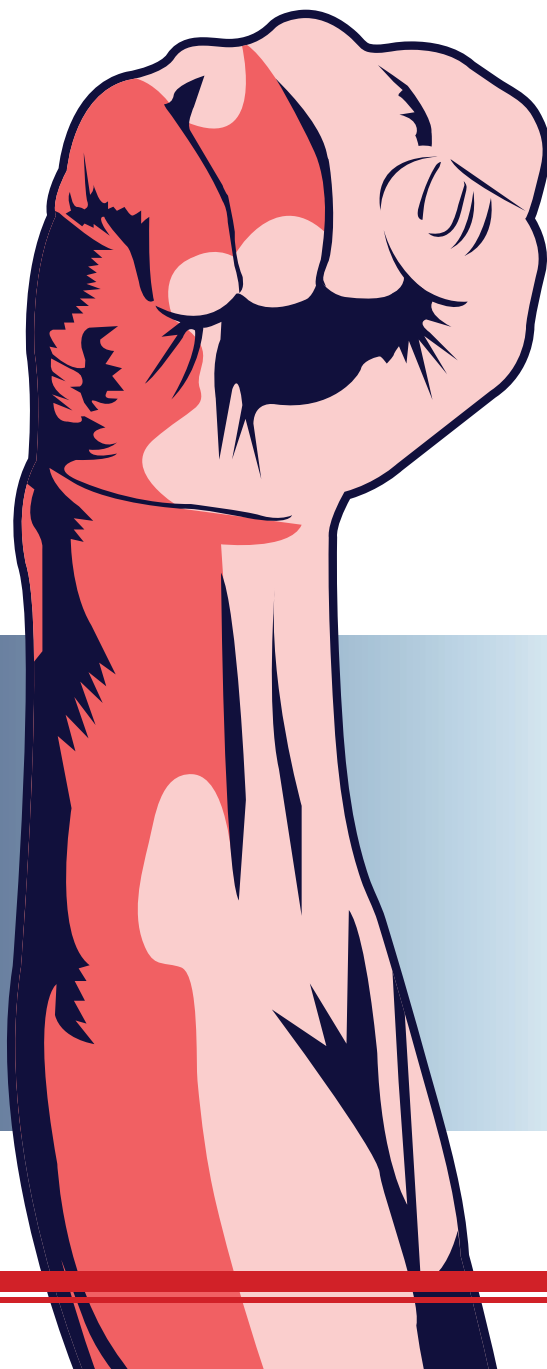
*Por Maria Paula Marins\**

No dia 21 de fevereiro, a Corte Constitucional da Colômbia garantiu o direito à interrupção da gravidez até a 24ª semana de gestação. Um causa histórica da luta feminista que escancara o patriarcado no legislar dos corpos e fundamental para o socialismo.

Sexto país na América Latina, depois de Cuba (até a 10ª semana), Argentina (até a 14ª semana), Uruguai e Guiana (ambos até a 12ª semana) e México (a depender de cada estado), a Colômbia avançou nos direitos reprodutivos e sexuais descriminalizando o aborto até a 24ª semana. A conquista foi liderada pelo movimento “Causa Justa”, cuja demanda, simples e potente, determina o aborto como uma necessidade de saúde pública, e não como uma questão criminal. Um grande passo no enfrentamento à onda de fanatismo conservador presente no mundo.

Em entrevista ao canal AzMina, no Youtube, a Antropóloga Debora Diniz lembra que, até 2005, as legislações sobre o aborto, na Colômbia, eram umas das mais restritivas do mundo. Foi apenas a partir de 2005 que meninas e mulheres com gravidez resultante de estupros ou incestos ganharam o direito de interromper a gestação. A Antropóloga lembra, ainda, que o avanço alcançado na Colômbia serve como uma provocação ao judiciário brasileiro, onde tramita uma ação representada pela Anis - Instituto de Biotética, Direitos Humanos e Gênero, e pelo Psol, que pede pela legalização do aborto até 12 semanas.

Falar sobre aborto é trazer à luz a opressão do patriarcado, do imperialismo e do capitalismo que imperam as questões de gênero, raça e classe. Inclusive, o aborto não diz respeito, somente, às mulheres. Precisamos abarcar as pessoas gestantes em todo o espectro de gênero, reconhecendo a gravidez em homens trans, pessoas não-binárias ou sem gênero.



O que não deve ser surpresa para ninguém, Jair Bolsonaro (PL) criticou a decisão da Corte Constitucional colombiana e proferiu frases impregnadas de radicalismo religioso e sentimentalismo - superficial e débil, pois ele mesmo já deixou claro sua apatia e seu desinteresse pela dignidade da humana ao falar sobre as mortes pela Covid-19, ao dificultar o acesso às vacinas, ao proferir informações falsas que desnorteiam a população... O desprezo pela vida e a perversidade são mascarados por um discurso moralista de proteção à família e à vida - lembremos de quando a (então) militante bolsonarista Sara Winter divulgou, em suas redes sociais, o nome da menina capixaba de 10 anos, vítima de estupro, por quatro anos, pelo tio.

Defendendo os pressupostos, já há muito superados, de que a vida se iniciaria no momento da concepção e de que toda gestante desejaria dar prosseguimento à gravidez e teria as condições necessárias para criar e

sustentar uma criança, o atual presidente reitera o papel da mulher reduzido à reprodução e à maternidade. Ou seja, da mulher como ser desprovido de desejos (inclusive o de não ser mãe), incapaz de deliberar sobre seu corpo. Ele se contenta em ver mulheres “praticamente integradas à sociedade”, como disse em durante uma cerimônia ao Dia Internacional da Mulher, 8 de março.

É, igualmente, evidente que o atual governo desconsidera a realidade onde centenas de milhares de gestantes recorrem, todos os anos, a clínicas clandestinas para concretizarem suas escolhas e que muitas morrem vítimas da precariedade do procedimento. Sobretudo as negras e pobres - uma vez que o poder aquisitivo torna possível o aborto em melhores condições. Na verdade, as mulheres ricas podem abortar; porém, as negras e pobres, morrem ao fazerem essa escolha.

A emancipação das mulheres é central na luta de classes e pelo socialismo - a União Soviética foi a primeira no mundo a legalizar o direito ao aborto, já em 1920.

O Estado, liderado e formado pela classe burguesa, reproduz a ideologia racista e patriarcal ao desapropriar o poder político das mulheres e de todas as minorias, legitimando políticas de opressão de classe e controle dos corpos.

Lutemos por um socialismo que garanta a autonomia da escolha pessoal e intransponível de gestar. Essa luta deve começar agora, no dia-a-dia. Ela deve se dar nas conversas com os amigos, durante os almoços de família, dentro do



ônibus, formando e modificando a opinião pública, para que a urgência pelo direito ao aborto seja difundida e propagada. Precisamos repudiar a colonização dos corpos, reconhecer a pluralidade humana e ser solidários às alteridades de maneira cotidiana - só assim poderemos construir as bases para o socialismo no Brasil.

Para que, não mais, a ideologia conservadora, burguesa e reacionária legisle sobre nossos corpos. Por um estado laico que viabilize o acesso à informação e a métodos contraceptivos, que amplifique a educação sexual a crianças, adolescentes e adultos e que garanta o direito ao aborto seguro.

Não há crime no deliberar do próprio corpo. Ao contrário: há o direito básico e fundamental de escolher gestar.

Pelo direito ao aborto seguro, universal e gratuito! Pelo socialismo!



\* Maria Paula Marins - cientista social com habilitação em antropologia - universidade de Brasília mestre em marketing & pesquisa - sciences-po, paris



# SOBRE OS FUNDAMENTOS DO LENINISMO - A QUESTÃO NACIONAL

J. V. Stálin

18 de Maio de 1924

## VI — A questão nacional

Analisarei duas questões fundamentais deste tema:

- a) colocação do problema;
- b) o movimento de libertação dos povos oprimidos e a revolução proletária.

### 1) Colocação do problema.

No curso dos dois últimos decênios, a questão nacional sofreu uma série de modificações da maior importância. A questão nacional no período da II Internacional e a questão nacional no período do leninismo estão longe de ser a mesma coisa. Diferem profundamente uma da outra, não só pela amplitude, mas também pelo seu caráter interno.

Antes, a questão nacional se reduzia, em geral, a um grupo restrito de problemas que se relacionavam, na maioria das vezes, com as nações "cultas". Irlandeses, húngaros, poloneses, finlandeses, sérvios e algumas outras nacionalidades da Europa: este era o conjunto de povos privados da igualdade de direitos, por cuja sorte se interessavam os heróis da II Internacional. Dezenas e centenas de milhões de homens pertencentes aos povos da Ásia e da África, que suportaram o jugo nacional nas suas formas mais brutais e cruéis, não eram em geral tomados em consideração. Não se decidia a pôr no mesmo plano brancos e negros, "cultos" e "incultos". Duas ou três resoluções agrídoces e vazias, em que se procurava fugir habilmente ao problema da libertação das colônias, eis tudo aquilo de que se podiam gabar os homens da II Internacional. Hoje, esta duplicidade e estas meias medidas na questão nacional devem considerar-se eliminadas. O leninismo desmascarou esta disparidade escandalosa; demoliu a muralha que separava brancos e negros, europeus e asiáticos, escravos "cultos" e "incultos" do imperialismo, ligando, desse

modo, o problema nacional ao problema das colônias. Assim, a questão nacional deixou de ser uma questão particular e interna dos Estados, para transformar-se em questão geral e internacional, converteu-se no problema mundial da libertação do jugo do imperialismo os povos oprimidos dos países dependentes e das colônias.

Antes, o princípio da autodeterminação das nações era comumente interpretado de modo errôneo, sendo reduzido, com frequência, ao direito das nações à autonomia. Alguns líderes da II Internacional chegaram mesmo a transformar o direito à autodeterminação no direito à autonomia cultural, isto é, no direito de as nações oprimidas terem as suas próprias instituições culturais, deixando todo o poder político nas mãos da nação dominante. Este fato tinha como consequência que a ideia da autodeterminação corresse o risco de transformar-se, de instrumento de luta contra as anexações, em meio para justificar as anexações. Hoje, esta confusão deve ser considerada como superada.

O leninismo ampliou o conceito da autodeterminação, interpretando-o como o direito dos povos oprimidos dos países dependentes e das colônias à separação completa, como o direito das nações à existência como Estados independentes. Desse modo se excluiu a possibilidade de justificar as anexações mediante a interpretação do direito à autodeterminação como direito à autonomia. Quanto ao princípio da autodeterminação, transformou-se deste modo, de instrumento para enganar as massas, como o foi sem dúvida nas mãos dos social-chauvinistas durante a guerra imperialista mundial, em instrumento para desmascarar toda a cobiça imperialista e as maquinacões chauvinistas de toda espécie, num instrumento de educação política das massas no espírito do internacionalismo.



Antes, o problema das nações oprimidas era considerado, em geral, como um problema exclusivamente jurídico. Proclamação solene da "igualdade nacional", declarações inumeráveis sobre a "igualdade das nações": eis com que se contentavam os partidos da II Internacional, enquanto ocultavam o fato de que, sob o imperialismo, quando um grupo de nações (a minoria) vive da exploração de um outro grupo de nações, a "igualdade das nações" não passa de escárnio aos povos oprimidos. Hoje, esta concepção jurídico-burguesa da questão nacional deve ser tida como desmascarada. Das alturas das declarações pomposas o leninismo fez descer a questão nacional para a terra, afirmando que as declarações sobre a "igualdade das nações", desacompanhadas do apoio direto dos partidos proletários à luta de libertação dos povos oprimidos, são apenas declarações vazias e mentirosas. Desse modo, o problema das nações oprimidas se tornou o problema do apoio, da ajuda efetiva e contínua às nações oprimidas na sua luta contra o imperialismo, pela igualdade real das nações, pela sua existência como Estados independentes.

Antes, a questão nacional era considerada de modo reformista, como uma questão isolada, independente, sem relação com a questão geral do poder do capital, da derubada do imperialismo, da revolução proletária. Admitia-se tacitamente que a vitória do proletariado na Europa era possível sem uma aliança direta com o movimento de libertação nas colônias, que a questão nacional e colonial podia ser resolvida em surdina, "automaticamente", à margem da grande via da revolução proletária, sem uma luta revolucionária contra o imperialismo. Hoje, este ponto-de-vista contrarrevolucionário deve ser considerado como desmascarado. O leninismo provou, e a guerra imperialista e a revolução na Rússia o confirmaram, que a questão nacional só pode ser resolvida em relação com a revolução proletária e sobre a base desta; que o caminho do triunfo da revolução no Ocidente passa através da aliança revolucionária com o movimento anti-imperialista de libertação das colônias e dos países dependentes. A questão nacional é parte da questão geral da revolução proletária, parte da questão da ditadura do proletariado.

O problema se coloca do seguinte modo: *já se acham esgotadas*, ou não, as possibilidades revolucionárias existentes no seio do movimento revolucionário de libertação dos países oprimidos e, se não estão esgotadas, existe uma esperança, uma razão de utilizar estas possibilidades para a revolução proletária, de fazer dos países dependentes e coloniais, não mais uma reserva da burguesia imperialista, mas uma reservando proletariado revolucionário, um aliado seu?

O leninismo dá a essa pergunta uma resposta afirmativa, isto é, reconhece a existência de capacidade revolucionária no seio do movimento de libertação nacional dos países oprimidos e considera possível utilizá-la no interesse da derrubada do inimigo comum, o imperialismo. O mecanismo do desenvolvimento do imperialismo, a guerra imperialista e a revolução na Rússia confirmam plenamente as conclusões do leninismo a esse respeito.



Daí a necessidade do apoio, apoio decisivo e ativo, por parte do proletariado, ao movimento de libertação nacional dos povos oprimidos e dependentes.

Isso não quer dizer, naturalmente, que o proletariado deva apoiar todo movimento nacional, sempre e em qualquer parte, em todos os diferentes casos concretos. Trata-se de apoiar os movimentos nacionais que tendam a debilitar, a derrubar o imperialismo, e não a consolidá-lo e a conservá-lo. Há casos em que os movimentos nacionais de determinados países oprimidos vão de encontro aos interesses do desenvolvimento do movimento proletário. Compreende-se que, em tais casos, não se pode falar de apoio. A questão dos direitos das nações não é uma questão isolada, independente, mas uma parte da questão geral da revolução proletária, uma parte subordinada ao todo e deve ser encarada do ponto-de-vista do conjunto. Marx, entre 1840 e 1850, era favorável ao movimento nacional dos poloneses e dos húngaros e contrário ao movimento nacional dos tchecos e dos eslavos do Sul. Por quê? Porque os tchecos e os eslavos do Sul eram, então, "povos reacionários", "postos avançados russos" na Europa, postos avançados do absolutismo, ao passo que os poloneses e os húngaros eram "povos revolucionários" em luta contra o absolutismo. Porque apoiar o movimento nacional dos tchecos e dos eslavos do Sul significava, então, apoiar indiretamente o tzarismo, o mais perigoso inimigo do movimento revolucionário na Europa.

«As diferentes reivindicações da democracia, — disse Lênin — inclusive a autodeterminação, não são algo absoluto, mas uma partícula do todo do movimento democrático (e hoje do todo do movimento socialista) mundial. É possível que, em casos isolados, a partícula esteja em contradição com o todo, e então, é necessário repeli-la». (Vide vol. XIX pág. 257-258).<sup>[N66]</sup>

Assim se apresenta a questão dos diferentes movimentos nacionais e do eventual caráter reacionário destes movimentos se, naturalmente, não se consideram estes movimentos de um ponto-de-vista formal, do ponto-de-vista dos direitos abstratos mas concretamente, do ponto-de-vista dos interesses do movimento revolucionário.

O mesmo se deve dizer do caráter revolucionário dos movimentos nacionais em geral. O caráter incontestavelmente revolucionário da imensa maioria dos movimentos nacionais é tão relativo e peculiar, como o é o caráter possivelmente reacionário de alguns movimentos nacionais determinados. Nas condições da opressão imperialista, o caráter revolucionário do movimento nacional de modo algum implica necessariamente na existência de elementos proletários no movimento, na existência de um programa revolucionário ou republicano do movimento, na existência de uma base democrática do movimento. A luta do emir do Afeganistão pela independência de seu país é, objetivamente, uma luta *revolucionária*, apesar das idéias monárquicas do emir e dos seus adeptos, porque essa luta enfraquece, decompõe e mina o imperialismo. Por outro lado, a luta de certos "ultra" democratas e "socialistas", "revolucionários" e republicanos do tipo de, por exemplo, **Kerenski** e **Tsereteli**, **Renaudel** e **Scheidemann**, **Tchernov** e **Dan**, **Henderson** e **Clynes**,

durante a guerra imperialista, era uma luta *reacionária*, porque tinha por objetivo adornar artificialmente, consolidar e levar ao triunfo o imperialismo. A luta dos comerciantes e dos intelectuais burgueses egípcios pela independência do Egito é, pelas mesmas razões, uma luta objetivamente *revolucionária*, conquanto os chefes do movimento nacional egípcio sejam burgueses por sua origem e situação social e conquanto sejam contra o socialismo, enquanto a luta do governo "operário" inglês, para manter a situação de dependência do Egito, é, pelas mesmas razões, uma luta *reacionária*, muito embora os membros desse governo sejam proletários, por origem e situação social e conquanto sejam "favoráveis" ao socialismo. E não falo do movimento nacional dos outros países coloniais e dependentes maiores, como a Índia e a China, cada um dos quais pelo caminho da libertação, mesmo quando contrariam as exigências da democracia formal, são golpes de malho sobre o imperialismo e, por isso, são incontestavelmente passos *revolucionários*.

Tem razão Lênin quando afirma que o movimento nacional dos países oprimidos não deve ser considerado do ponto-de-vista da democracia formal, mas do ponto-de-vista dos resultados concretos no balanço geral da luta contra o imperialismo, isto é, "não isoladamente, mas em escala mundial".

## 2) O movimento de libertação dos povos oprimidos e a revolução proletária.

Ao resolver a questão nacional, o leninismo parte das seguintes teses:

a) o mundo está dividido em dois campos: de um lado, um punhado de nações civilizadas, que detêm o capital financeiro e exploram a enorme maioria da população do globo; de outro, os povos oprimidos e explorados das colônias e dos países dependentes, que constituem esta maioria;

b) as colônias e os países dependentes, oprimidos e explorados pelo capital financeiro, constituem uma imensa reserva e o mais importante manancial de forças do imperialismo;

c) a luta revolucionária dos povos oprimidos dos países dependentes e coloniais contra o imperialismo é a única via pela qual podem libertar-se da opressão e da exploração;

d) os principais países coloniais e dependentes já iniciaram o movimento de libertação nacional, que não pode deixar de conduzir à crise do capitalismo mundial;

e) os interesses do movimento proletário nos países avançados e do movimento de libertação nacional nas colônias exigem a união desses dois aspectos do movimento revolucionário numa frente comum de luta contra o inimigo comum, contra o imperialismo;

f) a vitória da classe operária nos países avançados e a libertação dos povos oprimidos do jugo do imperialismo não são possíveis sem a formação e a consolidação de uma frente revolucionária comum;

g) a formação de uma frente revolucionária comum não é possível sem o apoio direto e decisivo, por parte do proletariado dos países opressores, ao movimento de libertação dos povos oprimidos, contra o imperialismo "da sua pátria" porque "não pode ser livre um povo que oprime outros povos" (Engels);

h) esse apoio consiste em defender, sustentar e pôr em prática a palavra de ordem do direito das nações à separação, à existência como Estados independentes;

i) sem a aplicação dessa palavra de ordem é impossível organizar a união e a colaboração das nações numa economia mundial única, como base material da vitória do socialismo no mundo inteiro.

j) esta união só pode ser uma união voluntária, só pode surgir tendo por base a confiança mútua e relações fraternais entre os povos.

Daí resultam dois aspectos, duas tendências na questão nacional: a tendência para a libertação política das cadeias do imperialismo e para a formação de Estados nacionais independentes, tendência gerada pela opressão imperialista e a exploração colonial, e a tendência para a aproximação econômica das nações, que surge com a formação de um mercado mundial e de uma economia mundial.

«No curso do seu desenvolvimento o capitalismo — disse Lênin — conhece na questão nacional duas tendências históricas: a primeira consiste no despertar da vida nacional e dos movimentos nacionais, na luta contra toda opressão nacional, na criação de Estados nacionais. A segunda consiste no desenvolvimento e na multiplicação de toda espécie de relações entre as nações, na demolição das barreiras nacionais, na criação da unidade internacional do capital, da vida econômica em geral, da política, da ciência, etc.. Ambas as tendências são uma lei universal do capitalismo. A primeira prevalece no início do seu desenvolvimento, enquanto a segunda caracteriza o capitalismo amadurecido, em marcha a sua transformação em sociedade socialista». (Vide vol. XVII, págs. 139-140).[N67]

Para o imperialismo essas duas tendências representam uma contradição insuperável, porque o imperialismo não pode viver sem explorar e manter pela força as colônias no quadro de um "todo único", porque o imperialismo só pode aproximar as nações seguindo a via das anexações e das conquistas coloniais, sem as quais, falando de um modo geral, é ele inconcebível.

Para o comunismo, ao contrário, essas tendências não passam de dois aspectos de uma causa única, a causa da emancipação dos povos oprimidos do jugo do imperialismo, porque o comunismo sabe que a união dos povos numa economia mundial única não é possível senão na base da confiança mútua e do livre consentimento e que o processo de formação de uma união voluntária dos povos passa através da separação das colônias do "todo único" imperialista, através da sua transformação em Estados independentes.

Daí a necessidade de uma luta tenaz, incessante, decisiva, contra o chauvinismo de grande potência que é próprio dos "socialistas" das nações dominantes (Inglaterra, França, Estados Unidos, Itália, Japão, etc.), os quais não querem combater os seus governos imperialistas, não querem apoiar a luta que travam os povos oprimidos das "suas" colônias, para libertar-se da opressão e constituir-se em

Estados independentes.

Sem essa luta não se pode conceber a educação da classe operária das nações dominantes no espírito de um internacionalismo real, no espírito de uma aproximação com as massas trabalhadoras dos países dependentes e as das colônias, no espírito de uma preparação real da revolução, proletária. A revolução na Rússia não teria vencido, e Koltchak e Deníkin não teriam sido derrotados, se o proletariado russo não tivesse conquistado a simpatia e o apoio dos povos oprimidos do antigo império russo. Mas, para conquistar a simpatia e o apoio desses povos, o proletariado russo teve, em primeiro lugar, de romper as cadeias do imperialismo russo e libertar esses povos da opressão nacional, sem o que teria sido impossível consolidar o Poder Soviético, implantar um verdadeiro internacionalismo, criar esta admirável organização de colaboração entre os povos que se chama União de Repúblicas Socialistas Soviéticas e que é o protótipo vivo da futura união dos povos numa economia mundial única.

Daí a necessidade da luta contra o isolamento, a estreiteza o particularismo nacional dos socialistas dos países oprimidos, que não querem ir além do seu campanário nacional e não compreendem os laços que unem o movimento de emancipação do seu país ao movimento proletário dos países dominantes.

Sem essa luta não se pode defender a política independente do proletariado das nações oprimidas, não se pode defender a sua solidariedade de classe com o proletariado dos países dominantes na luta para abater o inimigo comum, para abater o imperialismo; sem essa luta não seria possível o internacionalismo.

Tal é o caminho que se deve seguir para educar as massas trabalhadoras das nações dominantes e das nações oprimidas no espírito do internacionalismo revolucionário.



Eis o que disse Lênin a propósito desse duplo aspecto; do trabalho dos comunistas para educar os operários no espírito do internacionalismo:

«Esta educação. . . pode ser concretamente igual nas grandes nações, nas nações opressoras, e nas nações pequenas e oprimidas? Nas nações que anexam e nas nações anexadas?

Evidentemente, não. A marcha para o objetivo comum — a completa igualdade de direitos, a mais estreita aproximação e a ulterior fusão de todas as nações — segue, aqui, evidentemente, por diferentes vias concretas, do mesmo modo que, por exemplo, o trajeto para chegar a um ponto situado no centro desta página vem da esquerda, se se parte de uma das margens, e da direita, se se parte da margem oposta. Se o social-democrata de uma grande nação que oprime e anexa outras, professando a fusão das nações em geral, se esquece, por um instante que seja de que o «seu» Nicolau II, o «seu» Guilherme, George, Poincaré e companhia são também pela fusão com as pequenas nações (mediante a anexação), de que Nicolau II é pela «fusão» com a Galícia, Guilherme II pela «fusão» com a Bélgica, etc., um tal social-democrata acabará sendo, em teoria, um doutrinário ridículo na prática, um cúmplice do imperialismo.

O centro de gravidade da educação internacionalista dos operários dos países opressores deve residir, necessariamente, na propaganda e na defesa da liberdade de separação dos países oprimidos. De outro modo, não há internacionalismo.

Temos o direito e o dever de tratar de imperialista e de canalha todo social-democrata de um país opressor que não faça esta propaganda. Esta é uma exigência incondicional, muito embora até o advento do socialismo a separação só seja possível e «realizável» em um caso dentre mil.

Pelo contrário, o social-democrata de uma pequena nação deve tomar como centro de gravidade das suas campanhas de agitação a segunda palavra da nossa fórmula geral: união voluntária das nações. Sem faltar aos seus deveres de internacionalistas, pode pronunciar-se tanto a favor da independência política da sua nação, como a favor da sua incorporação ao Estado vizinho X, Y, Z, etc.. Mas deverá lutar em todos os casos contra a mesquinhez das pequenas nações, o seu isolamento, o seu particularismo, lutar por que se leve em conta o todo, o conjunto do movimento, por que o interesse particular seja subordinado ao interesse geral.

Aqueles que não se aprofundaram na questão acham «contraditório» que os social-democratas dos países opressores insistam na «liberdade de separação» e os social-democratas das nações oprimidas na «liberdade de união». Mas com um pouco de reflexão compreende-se que não há, nem pode haver, outro caminho para chegar ao internacionalismo e à fusão das nações, não há nem pode haver outro caminho para alcançar este objetivo, partindo-se da situação atual». (Vide vol. XIX, págs. 261-262).[N68]

Josef Stalin – Secretário Geral do PCUS.

---

<sup>i</sup> «Sobre os fundamentos do leninismo», foram publicadas na «Pravda», em abril e maio de 1924.